

# Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas

POR

Abel Viana e António Dias de Deus (\*)

---

Este modesto contributo para o conhecimento do fenómeno megalítico no ocidente peninsular respeita a uma reduzida zona do Alto Alentejo, compreendida no concelho de Elvas e ínfima parte do de Monforte.

Geològicamente, a área aqui considerada assenta em calcários e xistos do Câmbrico, exceptuando o pequeno tracto entre Barbacena e Santa Eulália, na mancha granítica, e o ponto em que está o dólmen a Nordeste de São Vicente, no Precâmbrico.

A orografia local caracteriza-se por séries de outeiros, no geral pouco elevados sobre o peneplano, separados por plainos mais ou menos extensos, quase sempre de pendente escassa, onde, de inverno, correm numerosos arroios, componentes da bacia alta do Sorraia e da do médio Guadiana.

Entre povoação e povoação, desdobram-se vastas herdades, do tipo dos grandes latifúndios alentejanos, com suas isoladas casas de habitação e dependências próprias da exploração agrária — os típicos «montes».

O actual índice de habitantes por quilómetro quadrado é relativamente baixo, o que muito contrasta com a notável abundância de restos arqueológicos romanos e pré-romanos, visto

---

(\*) † em 24 de Abril de 1955.

desta poder-se concluir a existência de uma considerável densidade populacional campesina, tanto na época do domínio romano como durante os dois milénios precedentes.

Mais que as necrópoles célticas (campos de urnas gradualmente romanizados) e que os destroços de vilas rústicas e cemitérios, tanto da época romana como da visigótica, surpreende a copiosa quantidade de dólmenes que por toda a parte se disseminam.

Relações organizadas cerca de 1880, existentes nos Serviços Geológicos de Portugal, registam, só nos arredores de Elvas, o elevado número de 57 dólmenes.

Tendo em consideração que a região foi, pelo menos a partir da conquista romana, muito explorada do ponto de vista agrícola e pecuário, e que as sucessivas gerações deviam ter destruído a maior parte daqueles monumentos, teremos de admitir que o seu número, ao findar a época do fenómeno megalítico, seria muitíssimo maior.

Podemos apontar dois exemplos de sepulturas romanas construídas dentro de desmanteladas câmaras dolménicas, e alguns outros em que nas obras de Romanos foram sacrificadas as pedras dos ditos monumentos.

A edificação de «montes», a crescente intensidade de plantações e lavouras, sobretudo nestes últimos decénios, e os buscadores de tesoiros, cremos que de todos os tempos, mormente nos fins do século passado e primeiros anos do presente, em que o incremento dos estudos arqueológicos fez surgir legiões de curiosos, frequentemente coleccionadores e negociantes dos objectos desenterrados em desacertadas escavações, tudo isto contribuiu para a devastação sistemática dos monumentos megalíticos.

Em face do que ainda existe, aquele número de 57 dólmenes, acima apontado, para os arredores de Elvas, é, todavia, muito baixo, se entendermos por «arredores» uma distância até 20 quilómetros da cidade, forçosamente reduzida a metade nas direcções

de Leste e Sul, ou seja, dos lados de Espanha. Só na área mais ou menos meticolosamente por nós vistoriada, a qual representará cerca de um terço do concelho de Elvas, se atinge quase o supra referido número.

As pesquisas aqui relatadas o mais sumariamente possível começou-as em 1934 António Dias de Deus, acompanhado, até 1941, por António Luís Agostinho, já falecido, e a partir de Julho de 1949 por Abel Viana.

Incidem sobre restos de um povoado, dois locais de enterramentos desprovidos de qualquer construção tumular e 49 dólmenes mais ou menos desmantelados.

Estes, na maioria, haviam sido revolvidos no curso de trabalhos agrícolas, ou propositadamente rebuscados em escavações anteriores, por vezes, repetidas. É de notar, todavia, que a nossa cuidadosa revisão obteve em muitos deles algumas peças não colhidas por quem nos precedeu.

Outros, apesar de não conservarem senão dois ou três esteios, reduzidos a vestígios tão simples que facilmente escapam à atenção não só do vulgo mas também dos investigadores menos familiarizados com estes exemplares despidos de regular evidência, demonstraram não terem sido nunca alvo de qualquer exploração ou rebusca.

### Monumentos e espólios

(A numeração corresponde à da carta topográfica — Fig. 1).

#### CONCELHO DE MONFORTE — *Freguesia de Santo Aleixo*

8 — *Anta do Peral* (Fig. 2, n.º 5). — Situada a 600 metros do «monte» da herdade, na margem esquerda e 30 metros do ribeiro que nasce em Vila Fernando. Conserva cinco esteios da câmara,

teúdo caída dentro uma grande laje pertencente à cobertura. Por este motivo, apenas se pôde escavar um pequeno recanto, no qual se encontrou uma vasilha fragmentada mas completa.

9 — *Anta n.º 2 do Peral* (Fig. 5, n.º 2). — Situada 1.500 metros a Sul da Anta n.º 1, na margem direita do ribeiro e uns 100 metros distante dele. Conserva cinco esteios da câmara, todos com altura superior a dois metros. Tal como na Anta n.º 1, tem caída na câmara uma grande laje, o que torna difícil a exploração. Alguns dos esteios do corredor acham-se bem definidos. É ainda um belo monumento.

10 — *Anta n.º 3 do Peral*. — Situada 600 metros a Poente da n.º 1, em uma elevação da margem esquerda da ribeira. A anta é grande e está regularmente conservada. Não consta que tenha sido explorada.

11 — *Anta da Meada*. — Situada uns 100 metros ao Sul do «monte», distando cerca de 800 metros da Anta n.º 1 do Peral. Conserva unicamente um esteio. Os restantes foram empregados na construção do «monte».

#### CONCELHO DE ELVAS — *Freguesia de Barbacena*

1 — *Anta da Coutada*. — Classificada de monumento nacional. Foi explorada várias vezes. Conserva o «chapéu» *in situ*.

2 — *Anta do Torrão*. — Classificada de monumento nacional. Foi explorada várias vezes. Conserva o «chapéu», mas caído.

4 — *Anta n.º 1 do Genemigo* (Fig. 10, n.º 3). — Situada uns 800 metros a Nordeste da Anta n.º 2, sobre um outeiro da mar-

gem esquerda do ribeiro, e a igual distância da estrada de Vila Fernando a Barbacena. Conserva em seu lugar, unicamente, dois esteios da câmara. Os restantes acham-se dispersos, em redor. Nela se encontrou agora uma grande conta de colar, aproximadamente cilíndrica.

5 — *Anta n.º 2 do Genemigo* (Fig. 8, n.º 5). — Situada cerca de 500 metros a Norte da Anta n.º 3 e a 100 metros do «monte» da herdade. Restam somente dois esteios, agora encostados um ao outro pela parte superior. Tinha sido completamente revolvida. Nela encontramos apenas um machado de pedra polida (Est. XII, n.º 1) e pequenos fragmentos de cerâmica, assim como restos de ossos.

6 — *Anta n.º 3 do Genemigo* (Fig. 10, n.º 4). — Situada a Norte de Vila Fernando, 1.000 metros a Oeste da estrada de Vila Fernando a Barbacena. Conserva quatro grandes esteios da câmara, achando-se muito completo o corredor. Esta anta foi explorada cerca de 1894, mas a actual escavação mostrou a parte inferior de alguns crânios e vasilhas, denunciando a imperfeição da exploração anterior. Distanciadas 10 metros para Norte das paredes do corredor, estão duas pedras paralelas, junto das quais se encontrou um escopro (Fig. 11, n.º 1).

7 — *Anta n.º 4 do Genemigo*. — Desta anta restam apenas dois esteios. Dentro do que foi o interior da câmara apareceram fragmentos de cerâmica, de vidros e de uma vasilha de bronze, tudo da época romana. Nas imediações há muitos vestígios de casas romanas, parecendo que a anta foi também aproveitada então para qualquer fim.

*Freguesia de Santa Eulália*

3 — *Anta da Capela*. — Já explorada. Na sondagem agora feita colheu-se um fragmento de faca.

*Freguesia de São Vicente*

19 — *Anta de A dos Negros*. — Com esteios muito baixos e corredor muito comprido. Já fora explorada.

20 — *Anta da Defesa* (Fig. 9, n.º 2). — Situada 400 metros a Oeste do «monte» da Defesa de Cima. Conserva os sete esteios da câmara, embora só estejam visíveis fora da terra os dois da entrada, os quais apenas sobressaem uns vinte centímetros. A largura transversal da câmara é de 1<sup>m</sup>,70. Tem esta, no lado esquerdo, uma laje posta de cutelo, com toda a aparência de divisória propositada. Parece ter sido explorada.

*Freguesia de Vila Fernando*

12 — *Anta n.º 1 do Barrocal* (Fig. 9, n.º 1). — De mui pequenas dimensões. Conserva os sete esteios da câmara e dois do lado direito do corredor. A largura máxima da câmara, segundo o eixo transversal, é de 1<sup>m</sup>,20, e a largura do corredor 0<sup>m</sup>,60. Altura dos esteios, fora da terra 0<sup>m</sup>,30.

13 — *Anta n.º 2 do Barrocal* (Fig. 10, n.º 2). — Situada em uma pequena elevação pedregosa, 400 metros a Norte da Anta n.º 1 de Vila Fernando. Acha-se muito desmantelada, sendo de crer que a tivessem explorado na mesma ocasião em que o foi a Anta n.º 1 desta herdade. Conserva 3 dos 7 primitivos esteios da câmara e um de cada lado do corredor. No ponto indicado na

respectiva planta, achamos uma vasilha grosseira, de barro mal cozido, toscamente semiesférica, e uma pequena mó de granito. Crivando a terra da câmara, deparou-se-nos uma ponta de flecha, de cobre (Est. XI, n.ºs 5, 6 e 9).

14 — *Anta n.º 1 de Vila Fernando* (Fig. 8, n.º 2). — Situada no extremo da herdade de Vila Fernando, a 30 metros do limite com a herdade do Barrocal. Da câmara conserva apenas dois esteios, mas o corredor está quase completo. Foi explorada há mais de cinquenta anos, datando dessa época a sua danificação. Dentro da câmara acham-se caídos dois dos esteios que a compuseram. Nesta última pesquisa encontrou-se uma faca de sílex branco, e nas imediações, à flor do solo, um machado e o fragmento de uma ponta de seta.

15 — *Anta n.º 2 de Vila Fernando* (Fig. 10, n.º 1). — Situada 600 metros a Nascente da sede da freguesia. O monumento está quase completo e tem a forma de grande cista megalítica, ou melhor, de pequena galeria coberta. O corredor confunde-se com a câmara, apresentando-se no conjunto como um trapézio muito alongado. Dentro, e na disposição assinalada na respectiva planta, acharam-se uma vasilha, dois machados e uma faca de sílex (Est. XI, n.ºs 2 e 3).

16 — *Anta da Chaminé* (Fig. 5, n.º 3). — Situada cerca de 400 metros a Nascente do «monte» da Chaminé, sobre uma pequena elevação. Esta anta é de grandes dimensões e está bastante danificada. A parte mais demolida é a do corredor. O esteio da cabeceira ergue-se 1<sup>m</sup>,25 acima do solo. Os laterais emergem 0<sup>m</sup>,40. A escavação deste dólmen foi muito profundada, indo até mais de um metro abaixo da base dos esteios. Identificaram-se perfeitamente quatro esqueletos, notando-se que os corpos

havam sido enterrados de pé. Acharam-se uma enxó, duas pequeninas contas discóides, de xisto, e alguns fragmentos de cerâmica negra. (Vid. « Contribuição para a Arqueologia dos arredores de Elvas », págs. 23-24).

17 — *Anta n.º 1 do Carrão* (Fig. 2, n.º 1). — Situada 800 metros a Nascente do « monte » da herdade e a 15 metros da linha divisória desta com a herdade dos Pequeninos. Faltam alguns esteios da câmara, arrastados pelos trabalhos de lavoura. A profundidade, no interior da câmara, até o solo virgem, varia de 40 a 60 centímetros. Mostrou tumulações no interior da câmara e até o meio do corredor. Sobre as ossadas estava uma camada de pedras miúdas. Os ossos, dos quais se notavam especialmente os dos crânios, achavam-se muito deteriorados. Colheram-se fragmentos de três vasilhas, uma delas de paredes delgadas e as restantes de paredes mais espessas, pasta grosseira e mal cozida (Fig. 7, n.º 5).

18 — *Anta n.º 2 do Carrão*. — Situada em um pequeno plaino, cerca de 1.000 metros a Leste dos « montes » do Carrão e da Chaminé. A Anta da Chaminé fica-lhe 600 metros para Norte, e a n.º 1 do Carrão cerca de 300 a Nordeste. Apesar da falta da cobertura e de alguns esteios, o estado presente deste monumento é ainda muito sofrível. A câmara, poligonal, parece ter sido formada por nove esteios, dos quais se conservam oito. No corredor haveria mais de três em cada lado. O recinto da câmara achava-se repleto de ossadas dispostas muito desordenadamente. Apenas foi possível anotar a posição de cinco crânios, debaixo de um dos quais jazia um longo punhal de cobre. Próximo deles, por baixo da camada ossífera, colheram-se: um disco grande, de xisto polido (Fig. 24, n.º 4), perfurado no centro; uma conta do feitio de argola circular, muito perfeita; e uma pequena vasilha,



de corpo tronco-cónico e fundo em calote esférica, com bem vincada aresta de separação das duas zonas (Fig. 24, n.º 3). No corredor, acharam-se 7 machados de pedra polida (Figs. 23, 24 e 25).

21 — *Anta n.º 1 do Paço.* — Pequeno monumento a um quilómetro de Vila Fernando, junto da estrada de Vila Fernando à Terrugem. É formado de pequenos esteios, na maioria desviados do primitivo lugar. Na escavação de agora achou-se um percutor.

22 — *Anta n.º 2 do Paço.* — Situada 500 metros a Nascente de Vila Fernando, sobre uma colina, 200 metros à direita da estrada para Elvas. Conserva somente um esteio. Escavando junto dele, achamos um crânio e muitos outros ossos.

23 — *Anta n.º 1 da Sobreira* (Fig. 7, n.º 2). — Situada 600 metros a Sul da estrada de Vila Fernando a Elvas, e 1.000 metros a Oeste do «monte» de São Romão, no cimo da primeira elevação das Alcarapinhas. Conserva 4 esteios da câmara (falta o da cabeceira) e dois do corredor. O Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, em Lisboa, guarda o espólio desta anta, explorada há cerca de 60 anos, sob a designação de material do «Dólmen de Vila Fernando». Consta do seguinte: oito machados, quatro dos quais planos; três facas, uma das quais inteira; três pontas de seta, sendo uma de sílex e duas de quartzo leitoso; uma conta de colar, bi-tronco-cónica, achatada; uma goiva; uma esferazita de calcário; um pequeno seixo oval, achatado; um fragmento de faca de cristal de rocha negro; parte de uma vasilha semiesférica; parte de outra vasilha, semelhante às de um dos tipos argáricos; e uma conchinha de *Testacella maugeli*.

24 — *Anta n.º 2 da Sobreira* (Fig. 14). — Situada a meia encosta da vertente oriental do segundo outeiro das Alcarapinhas, à direita da estrada de Vila Fernando a Elvas. Na encosta oposta acha-se a Anta n.º 3 de Alcarapinha. Dista aproximadamente 400 metros da Anta n.º 1 da Sobreira. A 10 metros passa-lhe o limite da herdade de São Romão. Foi explorada em Dezembro de 1950. Um dos lados da câmara e do corredor está destruído, e o próprio terreno revolido até certa profundidade, pelos trabalhos de lavoura. Dentro da câmara surgiu uma grande laje que, tendo pertencido às paredes ou à cobertura do dólmen, serviu depois de tampa a uma sepultura provavelmente da época romana, visto se encontrarem nela pedaços de tégulas. Sob a laje, jazia um esqueleto, desacompanhado de qualquer mobiliário fúnebre. Por cima da mesma laje estavam muitos fragmentos de ossos, inclusive de crânios, para ali arrastados pelo revolvimento a que foi sujeito o terreno. Junto aos esteios que restam do corredor, porém, acharam-se três machados, duas enxós, um escopro, duas placas de xisto ornamentadas, uma serra de sílex, duas facas e fragmentos de outras, três pontas de seta, um pequenino cilindro de osso estriado transversalmente — cabeça de alfinete (Fig. 20, n.º 10), duas vasilhas de barro e fragmentos de outra. Na terra retirada do resto do recinto, colheram-se duas pontas de seta e uma pequenina conta discóide, de xisto. Cinco metros mais afastado, apareceu um grande machado polido, muito perfeito (Figs. 15 a 20).

25 — *Anta n.º 1 de Alcarapinha* (Fig. 8, n.º 3). — Situada uns cem metros a Nascente do «monte» da herdade e à beira do caminho que segue para a herdade de São Romão. Faltam-lhe a cobertura e um dos esteios do corredor. Os esteios regulam por 0<sup>m</sup>,90 de altura, achando-se enterrados até próximo de metade. Este monumento merecia ser conservado. Não havia

sido explorado antes da escavação de 1934 (Dias de Deus e A. L. Agostinho). O espólio resumiu-se em uma conta de colar, grande, aproximadamente cilíndrica (Est. X, n.º 8) e um machado, este encontrado no limiar da câmara. Dentro desta — e tal foi a particularidade notável no recheio deste monumento — jaziam sete esqueletos dispostos radialmente, com os crânios juntos ao centro, e encurvados de modo a caberem no limitado espaço.

26 — *Anta n.º 2 da Alcarapinha* (Fig. 11). — Situada nas faldas ocidentais do segundo cerro das Alcarapinhas, a contar de Vila Fernando, 200 metros à esquerda do caminho que da herdade das Alcarapinhas se dirige à de São Romão. Dela restam apenas três esteios, provávelmente pertencentes ao corredor. A escavação junto destes esteios revelou-nos a existência de nove esqueletos, dos quais se reconheceram perfeitamente os crânios, localizados conforme indicamos na respectiva planta deste monumento. Além das ossadas, recolheram-se sete machados de pedra, uma faca e fragmentos de outras, uma vasilha e fragmentos de outra (Figs. 11, 12 e 13).

27 — *Anta n.º 1 dos Serrones* (Fig. 2, n.º 1). — Situada 100 metros ao Norte do «monte» da herdade, sobre uma leve colina onde abundam afloramentos rochosos. Conserva quatro dos esteios da câmara. Estes são de grandes dimensões, o maior dos quais com dois metros de alto, e de granito, espécie de rocha que só se encontra à distância de uns cinco quilómetros. Sinais de corredor voltado para o Sul. Foi explorada há muitos anos. A escavação actual nada produziu. Nas imediações existem muitos restos romanos.

28 — *Anta n.º 2 dos Serrones* (Fig. 2, n.º 3). — Situada 250 metros a Noroeste do «monte» e 200 metros distante da Anta

n.º 1. Conserva três dos esteios da câmara e algumas pedras do corredor, este voltado a Sueste. A câmara tem somente 1<sup>m</sup>,20 de diâmetro máximo. Os esteios medem 1<sup>m</sup>,50 de altura e não são de granito, como na anta anterior, mas de rocha do local. Apesar de ter sido já explorada há muito tempo, achamos um percutor e um machado.

29 — *Anta da Atalaia*. — Na herdade do mesmo nome. Foi explorada há anos e, depois, completamente destruída.

30 — *Atalaião, ou Atalaia dos Sapateiros*. — O jazigo está situado no cimo do cerro mais elevado das Alcarapinhas. Aí existem restos de fortificação construída nos meados do séc. XVII, sobre ruínas de edificações romanas. Em meio destas ruínas, sem quaisquer indícios de construção tumular, e de mistura com objectos da época romana (tijolos, moedas, fragmentos de *terra sigillata*, etc.), surge um variado material do primeiro período da Idade do Bronze, o qual, pela sua abundância e dispersão relativas, nos leva a crer marcarem a posição de um povoado pré-histórico, hipótese cuja confirmação, no entanto, depende de mais completas investigações. Os objectos até agora colhidos são: oito machados, alguns dos quais serviram de martelos (Est. X, n.ºs 2, 3 e 10); uma goiva (Est. X, n.º 2); dois escopros, uma enxó (Est. X, n.º 2); um afiador (Est. X, n.º 8); duas mós (Est. X, n.º 11); nove percutores (Est. X, n.º 4); sete contas de colar, grandes; duas contas de calcário, tubulares, uma delas com finos ornatos incisos (Est. X, n.ºs 5 e 6, Fig. 10, n.º 3); uma conta de âmbar (Est. III, n.º 9 — a maior no vértice do colar, à esquerda); uma conta de osso (rótula), cortada transversalmente (Est. X, n.º 1); uma placa de barro cozido, com um furo; outra placa, idêntica, com dois furos; três placas idênticas, com um furo em cada canto (Est. X, n.º 1); dois cossoiros (Est. X, n.º 1); sete

pontas de seta, de fabrico rude (Est. X, n.º 9); e vários troços de barro cozido, mais ou menos cilíndricos, com um orifício em um dos topos (Est. X, n.º 1).

*Freguesia de Vila Boim*

31 — *Anta do Texugo* (Fig. 21). — Situada a 300 metros do «monte» da herdade, nas faldas das Alcarapinhas e 1.500 metros a Sueste do Atalaião. Conserva sòmente três esteios da câmara, todos caídos. Apesar disso, o terreno não estava revolvido. Exploramo-la em Outubro de 1950. Os restos de esqueletos estavam muito consumidos, não permitindo verificar qual a sua disposição. Nos pontos indicados na respectiva planta, acharam-se dois machados planos (Fig. 22) e dois fragmentos de cerâmica, com sinais de intensa exposição ao fogo. O esteio maior mede  $1^m,20 \times 0^m,90$ .

32 — *Anta n.º 1 de Valverde* (Fig. 7, n.º 1). — Situada 800 metros a Leste do «monte» da herdade e a 60 metros do caminho que segue do «monte» do Texugo para os de Valbom e Valverde. Foi construída em um pequeno plaino rochoso. Conserva cinco dos sete presumíveis esteios da câmara e dois do corredor, todos pequenos.

A escavação da câmara revelou a presença de uma camada de ossadas, superficial, separada, por meio de uma série de lajes, algumas grandes, de outra camada de ossadas, mais profunda. Na camada superior, achou-se um machado, e na inferior, outro machado, três fragmentos de facas e alguns fragmentos de agulhas de osso. O solo subjacente à camada inferior é de rocha viva. O diâmetro da câmara mede  $1^m,48$ . O comprimento, desde a entrada do que resta do corredor, é de  $2^m,25$ .

33 — *Anta n.º 2 de Valverde* (Fig. 2, n.º 2). — Situada 30 metros a Sul da Anta n.º 1. Conserva unicamente dois esteios da câmara. Junto a estes, do lado de Nascente, em um espaço de 0<sup>m</sup>,50 de lado, acharam-se um crânio e muitos outros ossos.

34 — *Anta de Valbom* (Fig. 5, n.º 4). Situada 200 metros a Nascente do «monte» da herdade. Conserva apenas três esteios da câmara, salientes da superfície do solo 0<sup>m</sup>,45. A escavação nada produziu. Devia ter sido devassada há muito tempo.

43 — *Anta da Camuge*. — Estava situada em um cimo sobranceiro ao cerro em que assenta o marco geodésico do Rego, distando deste cerca de 500 metros. Seus restos foram completamente destruídos em 1950, por motivo de uma plantação de oliveiras. Os cavadores colheram grande quantidade de contas de colar e ídolos-placas, ou placas de xisto. Apenas conseguimos recuperar uma destas.

44 — *Anta do Carvão* (Fig. 5, n.º 1). — Situada em uma várzea, a 400 metros do monte da herdade e a igual distância do caminho para Juromenha. Conserva todos os esteios, tanto da câmara como do curto corredor. Falta-lhe, porém, a cobertura. Dentro da câmara, foi posteriormente construída uma sepultura rectangular, provavelmente romana. Escavada a parte rente à grande laje da cabeceira da câmara, não revolvida pelos construtores da sepultura, colheram-se seis placas de xisto, ornamentadas, e fragmentos de mais três. Anos antes, havia sido devassada, tendo seus ocasionais escavadores apanhado vários objectos.

*Freguesia da Ajuda*

45 — *Anta do Sobral*. — Situada na herdade do Sobral, ou do Soveral. Foi explorada há muitos anos.

*Freguesia da Terrugem*

35 — *Anta dos Torneiros*. — Distante uns 10 metros da margem do caminho velho. Conserva alguns esteios, porém todos derrubados. Escavada há muitos anos. Nada se obteve na escavação presente.

36 — *Anta n.º 1 da Farisoa* (Fig. 7, n.º 3). Situada 500 metros a Oeste do «monte» da herdade, em uma elevação junto à confluência de dois ribeiros. Local muito rochoso. O monumento conserva quatro dos primitivos esteios e, pela sua disposição, lembra uma cista megalítica, ou pequena galeria coberta. No ângulo formado por dois esteios, colheu-se uma faca de sílex, inteira.

37 — *Anta n.º 2 da Farisoa*. — Iguamente em forma de cista. Continha apenas muitas ossadas.

38 — *Anta n.º 1 do Pombal* (Fig. 4, n.º 1). — Situada 1.000 metros a Norte do «monte» da herdade. A câmara deste grande monumento dolmênico, com 4 metros de diâmetro, era formada por onze esteios, dos quais nove se conservam *in situ*, aflorando à superfície do solo 20 a 40 centímetros. Do corredor restam três esteios de um lado e dois do outro, um deles reforçado externamente por outro esteio mais comprido. O comprimento total do que hoje resta do monumento é de oito metros. Está atravessado por um caminho.

39 — *Anta n.º 2 do Pombal* (Fig. 4, n.º 2). — Situada 300 metros do «monte» da herdade, à distância de 800 metros da Anta n.º 1 e 50 metros da Anta n.º 3 desta mesma herdade. Conserva levantados três esteios da câmara, e um caído para o interior. Do corredor resta um único esteio, um pouco desviado da sua posição primitiva.

40 — *Anta n.º 3 do Pombal* (Fig. 6, n.º 2). — Situada a 200 metros do «monte» da herdade e 50 metros a Sul da Anta n.º 2. Câmara composta de sete esteios, dos quais perduram quatro. A laje da cabeceira, assim como os três esteios que restam do corredor têm 0<sup>m</sup>,40 de altura, na parte fora da terra.

41 — *Anta n.º 4 do Pombal*. — Situada 400 metros a Nascente do «monte» da herdade. Apesar de não conservar a cobertura, e de lhe faltarem alguns esteios, tanto na câmara como no corredor, julgamos que bem mereceria ser incluída no rol dos monumentos de interesse nacional. Como se vê na respectiva planta, compõe-se de câmara, antecâmara e corredor. Os dois esteios à entrada da câmara têm 2<sup>m</sup>,50 de altura.

42 — *Anta n.º 5 do Pombal* (Fig. 3). — Situada 500 metros a Nascente do «monte» da herdade e 150 metros ao Sul da Anta n.º 4. Está construída em uma pequena plataforma, a meia encosta do cerro, com o corredor voltado para o cume. A laje da cabeceira mostra 0<sup>m</sup>,80 de altura, e os dois à entrada da câmara, os mais elevados, 1<sup>m</sup>,30.

#### *Freguesia de São Brás*

46 — *Anta n.º 1 da Torre das Arcas*. — Situada 200 metros a Sul da estrada de Vila Boim a Elvas. Está regularmente conser-



vada, embora com alguns esteios espalhados em redor. Conserva o «chapéu». Foi explorada há muitos anos. Ignoramos, todavia, quem fosse o explorador.

47 — *Anta n.º 2 da Torre das Arcas.* — Dista da Anta n.º 1 cerca de 500 metros. Conserva os esteios, todos com mais de 1<sup>m</sup>,50 de alto. Falta-lhe o chapéu. Foi explorada na mesma ocasião que a anterior.

48 — *Anta n.º 3 da Torre das Arcas* (Fig. 7, n.º 4). — Dista 100 metros da n.º 2. Conservava apenas dois grandes esteios deitados por terra. Na presente escavação, achou-se um esqueleto regularmente conservado, mas faltando-lhe o crânio, sem que um revolvimento da terra o explique.

49 — *Anta n.º 4 da Torre das Arcas* (Fig. 8, n.º 4). — Dista 500 metros a Oeste da n.º 1. A disposição dos seus sete pequenos esteios, entre os quais se conta o da cabeceira, mostra tratar-se de uma cista megalítica, de modestas dimensões. A escavação revelou grande porção de ossos.

50 — *Anta n.º 5 da Torre das Arcas* (Fig. 6, n.º 1). — Situada 200 metros a Sul do «Monte» e quinta da Torre das Arcas, ao lado do caminho que segue para a Fortaleza. Explorada em Janeiro de 1951. A câmara seria formada por sete ou oito esteios, dos quais se conservam cinco. Estes não mostram fora da terra mais de 0<sup>m</sup>,40, achando-se outro tanto dentro do solo. Na câmara, a camada superficial era formada por terra solta, muito humosa, achando-se nela bastantes pedaços de ossos, fragmentos de cerâmica, parte de uma placa de xisto ornamentada e um fragmento de faca de sílex. A camada inferior era uma rija massa de terra e fragmentos de ossos. Nesta segunda

camada, e em um pequeno espaço rente à laje da cabeceira, estavam duas placas de xisto ornamentadas (Figs. 26 e 27), uma das quais completa; uma ponta de seta, de quartzo hialino (Fig. 25, n.º 3) e outra de sílex (Fig. 25, n.º 4); nove contas de colar, grandes e pequenas, sete das quais discóides e as duas restantes bi-tronco-cónicas, tendendo a esferoidais (Fig. 25, n.ºs 5 a 8). Próximo do centro da câmara, estava outra placa de xisto (Fig. 26). A posição destes objectos induz-nos à crença de que esta anta fora já revolvida, e por insciente ou pouco cauteloso explorador.

\*

\* \*

*Jazigo do Genemigo* (Fig. 10, n.º 4). — Dois metros ao lado da parede meridional do corredor da Anta n.º 3 do Genemigo, achamos uma pequena pedra cravada no solo, ocupando um dos topos de um espaço rectangular, dentro do qual se alinhava uma dúzia de esqueletos completos, dispostos paralelamente em filas de quatro, todos com os pés voltados para Nascente. Estes esqueletos, principalmente os crânios, estavam cobertos por camadas de pequenas pedras. Junto dos crânios estava deposto o mobiliário fúnebre, do qual reunimos: oito placas de xisto ornamentadas (Est. IX; Figs. 41 a 48); seis facas inteiras e fragmentos de outras (Est. VI, n.º 2 e Est. II, n.º 6); uma mó; dez vasilhas, uma das quais com mamilos e outra com restos de um cabo, rente ao fundo (Ests. VII e VIII), e fragmentos de outras (Est. XI, n.º 1); dezoito contas de colar, de vários tamanhos mas do mesmo tipo (Est. VI, n.ºs 4 e 4-A); cinco machados (Est. XII, n.ºs 1 e 1-A); quatro percutores e polidores ou alisadores. Junto deste rectângulo havia outro com um metro quadrado de superfície, completamente cheio de calhaus rolados, de quartzite, mais ou menos oblongos e de feitio aproximado ao dos machados.

Ambos os espaços estavam desprovidos de pedras que os limitassem.

*Jazigo da Alcarapinha* (Fig. 8, n.º 1). — A uns 60 metros da Anta n.º 1 da Alcarapinha acharam-se três sepulturas romanãs e, contíguo a estas, conforme se vê na respectiva planta, um espaço bastante superior ao da câmara de um dólmen vulgar, sem qualquer outro modo de limitação que o da natureza do fundo. Este era constituído por uma crosta rija e oleosa, com ossadas humanas, na maioria calcinadas, e abundância de cinzas e carvões, assim como numerosas conchas de moluscos, variando a espessura de tal camada entre 5 e 10 centímetros. Sobre essa mesma camada acharam A. D. de Deus e A. L. Agostinho, em 1940, abundante material, havendo D. de Deus, em 1943, submetido a crivagem a terra anteriormente pesquisada. Parte do material foi entregue ao Museu Arqueológico de Elvas, restando para a secção arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa: nove machados de pedra polida; treze placas de xisto ornamentadas (Ests. IV e V; Figs. 30 a 43); uma alabarda de sílex (Est. III, n.º 8); uma faquinha de cristal de rocha (Est. III, n.º 10); oitenta pontas de flecha, grande parte delas talhadas em quartzo hialino (Ests. I e II); catorze facas e fragmentos de outras (Est. II, n.º 6); 274 contas de colar, na maioria discóides (Est. III, n.ºs 5, 6, 7 e 9); e quatro pingentes de colar (Est. III, n.ºs 2, 3 e 4).

## CONCLUSÕES

Basta conhecer o trabalho de Vergílio Correia, acerca dos dólmenes de Pavia (1), e o de Leisner, a respeito dos das cercanias

---

(1) *El Neolítico de Pavia*. Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas. Memória 27, Madrid, 1921.

de Évora <sup>(2)</sup>, para se verificar uma identidade de factos, no respeitante aos da zona elvense. Tal como em Évora e Pavia, os dólmenes dos arredores de Elvas, a que o geral da população dá o nome de antas, agrupam-se principalmente no início das linhas de água que se dirigem às ribeiras próximas. Assim, o numeroso grupo de Vila Fernando (Fig. 1) distribui-se pelas origens da Ribeira Velha e outras cujas águas, pela Ribeira Grande e, depois, pela Ribeira de Seda, vão ter ao Sorraia, afluente do Tejo. Os da Terrugem, Vila Boim e São Brás ocupam, respectivamente, as cabeceiras das ribeiras de Asseca, Mures e Várzea, tributárias do Guadiana. O mesmo sucede com os dólmenes que nos restam mencionar, de Barbacena e São Vicente, nas pendentes para o Caia, e o da Ajuda, mui próximo do Guadiana.

Note-se, todavia, que não foram construídos precisamente nas cotas mais eminentes, mas sim, à parte os poucos edificadas em campo raso, em terreno de encosta, embora próximo dos pontos culminantes.

Certo a razão da escolha desses sítios se relacionaria com a rede hidrográfica. Não poderemos dizer, contudo, que tal relação respeitasse à presença permanente da água, visto que, pelo menos na actualidade, não achamos nascentes junto dos dólmenes, assim como nos córregos vizinhos só correm águas nos curtos períodos de grandes chuvas locais.

O escasso material que Leisner conseguiu examinar, dos extraídos dos dólmenes de Évora, condiz com o dos de Elvas.

Como o da região de Pavia, descrito por Vergílio Correia, é muito mais avultado, o paralelo resulta mais expressivo.

Em vista da grande maioria dos monumentos elvenses ter sido já revolvida antes das nossas pesquisas, o espólio por nós

---

(2) Georg Leisner — *Antas dos arredores de Évora*, in «A Cidade de Évora». Boletim da Comissão Municipal de Turismo, n.ºs 15 a 18, Évora, 1948-1949.

recolhido é bastante escasso. A Anta n.º 2 da Sobreira, a n.º 2 do Carrão, uma das de Alcarapinha e a n.º 5 da Torre das Arcas, porém, forneceram suficientes elementos de comparação.

Em todo o caso, os achados mais importantes são os das estações que denominamos Jazigo da Alcarapinha e Jazigo do Genemigo. Seria de presumir que nesses dois sítios, principalmente no de Alcarapinha, tivessem existido dólmens cujos esteios fossem totalmente arrancados, mas o exame atento do terreno não nos mostra quaisquer indícios de assim ter acontecido.

No primeiro (Alcarapinha), a parte mais considerável do espólio consiste na grande porção de pontas de seta e de contas de colar, tanto pequenas como grandes, e na magnífica alabarda de sílex, com 163 milímetros de comprido (Est. III, n.º 8).

Os ossos dos esqueletos achavam-se parcialmente calcinados (3), parecendo, à primeira vista, tratar-se de uma incineração de cadáveres, se bem que muito imperfeita; como se, em vez de colocarem os corpos na pira, tivessem lançado sobre eles as cinzas quentes e o brasido da fogueira. De nenhum modo, portanto, vem a ponto falar aqui de incineração como rito funerário.

Digna de nota, também, a presença das conchas de *Cardium*, *Testacella maugei* e de *Neritina fluviatilis*, isto é, de uma espécie de caracol terrestre, de um molusco de água doce, e de um molusco marinho, uma das quais, conforme se vê no Museu dos Serviços

---

(3) A que deveremos atribuir, todavia, a queima parcial dos esqueletos de Alcarapinha? A crosta oleosa envolvente das ossadas denunciava enorme acumulação de substâncias orgânicas. A existência de cinzas e fragmentos de carvão provam que ali houve fogueiras, embora se não possa admitir que se destinassem a incineração de cadáveres. Para que se fizeram, então? Porque motivo, tanto aqui como no Genemigo, não protegeram os corpos inumados, com uma construção tumular, por muito rudimentar que fosse? Não pretendemos dar explicações. Limitamo-nos à descrição dos factos.

Geológicos de Portugal, fora encontrada já na Anta n.º 1 da Sobreira.

No Jazigo do Genemigo, o cerimonial fúnebre parece ter sido algo diferente. Não apareceram ali pontas de seta. As contas de colar são em número muitíssimo menor, e de tipo diferente dos observados em Alcarapinha, se bem que presente em alguns dólmenes desta zona.

Avulta ali a cerâmica, na qual se vêem vasos semiesféricos, outros cilíndricos, um carenado e outro com protuberâncias mamilares próximas do bordo, toda ela condizente com a dos dólmenes de Pavia e Évora.

Os esqueletos, todos com a mesma orientação, achavam-se dispostos em filas paralelas. Nada de cinzas, nem de vestígios, sequer, de carvão.

Os machados são, em ambos os jazigos, de secção quadrangular e de fabrico pouco apurado, com o polido limitado quase à pequena faixa do gume. Nos dólmenes da zona, os deste tipo, que no geral são grandes, coexistem com os de pequeno tamanho, de secção circular e mais polidos; e o mesmo se verifica no Jazigo de Alcarapinha (Est. VI, n.ºs 1 e 1-A).

Tanto o Jazigo de Alcarapinha como o de Genemigo deram um bom número de placas de xisto. No de Genemigo salienta-se um exemplar, pelas suas avantajadas dimensões (Est. IX, n.º 3; Fig. 44). É de xisto rijo, esverdeado, e mede: altura — 0<sup>m</sup>,227; largura, em cima — 0<sup>m</sup>,116; idem, em baixo — 0<sup>m</sup>,142; espessura — 0<sup>m</sup>,009. É bastante pesado.

As de Alcarapinha apresentam mais variedade quanto ao contorno, havendo entre elas uma triangular, que pelo reduzido tamanho dá ideia de ser um pendente de colar (e não a parte central de uma placa do tipo representado nas Figs. 19 e 36), e um báculo, também pequeno, com a particularidade de não ser ornamentado.

Em face do material exumado, temos por evidente a contemporaneidade de ambos os jazigos com os dólmenes da região.

Outra estação arqueológica do mais alto interesse é o Atalaião. Ocupa o cimo do outeiro chamado Atalaia dos Sapateiros, ou Atalaião, onde está o marco geodésico, a assinalar a cota dos 467 metros (4).

O local pesquisado fica entre os restos de paredes de um fortim construído, provavelmente, nos meados do Séc. XVII, sobre alicerces de um conjunto mais vasto, de edificios romanos. Outros alicerces de construções, quer romanas quer relativamente recentes, perduram pela encosta oriental do cerro, abundando no terreno os fragmentos de tégulas.

Por falta de escavações mais amplas, não podemos desde já asseverar que se trate dos restos de um povoado da Idade do Bronze, do tipo do «Castelo» de Pavia, mas os indícios até agora observados assim o induz a crer. Não lobrigamos ainda sinais de muro defensivo, nem de fundos de habitação, mas parte dos objectos ali colhidos é mais afim dos destroços dos povoados que do mobiliário dos dólmenes.

Os objectos de barro até agora exumados em pequena escavação superficial constam apenas de: placas de barro cozido, com orifícios de suspensão, três das quais como as de Vila Nova de São Pedro, mas sem ornatos (como as do «Castelo» de Pavia); vários troços de barro cozido, mais ou menos cilíndricos, com um orifício em uma das extremidades (Est. X, n.º 1), divergindo dos de Pavia em serem rectilíneos, ao passo que os de Pavia são em arco de círculo.

Peça notável é uma das duas contas tubulares, de calcário, com ornato finamente lavrado e constituído por séries de peque-

---

(4) Vid. descrição em *Contribuição para a Arqueologia do Concelho de Elvas*, por Abel Viana, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XII, Porto, 1950.

níssimos triângulos, e de outros maiores, em forma de pontas de seta (Est. X, n.º 5; Fig. 9, n.º 3).

Tal como no «Castelo» de Pavia, abundam aqui os percutores, uns esferoidais, outros discoidais, outros rectangulares com os topos arredondados.

As pontas de seta do Atalaião são de base recta e fabricadas em pequenas lascas de xisto rijo, ora cinzento, ora avermelhado, algumas com um dos bordos naturalmente biselado, sem retoques, e os mais deles com poucos retoques, de simples regularização.

Pontas deste mesmo tipo aparecem também no Jazigo de Alcarapinha, algumas, ainda que raras, da mesma espécie de rocha, e outras, em quantidade bastante maior, de pequeninas lascas de sílex e de quartzo hialino.

Nas de Alcarapinha, a linha da base, por vezes, não é perpendicular ao eixo longitudinal da ponta, mas sim mais ou menos oblíqua. As outras pontas de seta deste jazigo cabem dentro dos seguintes tipos: *a)* — base arredondada, mais ou menos convexa; *b)* — base semi-losangular, mais ou menos acumiada; *c)* — base ligeiramente côncava; *d)* — base semi-losangular, mas com os lados côncavos, e não rectos, como no grupo *b)*.

Segundo Leisner, as do primeiro, segundo e quarto grupos são formas primitivas, e as do terceiro mais relacionadas com as sepulturas de cúpula <sup>(5)</sup>.

As pontas de Alcarapinha são talhadas em quartzo hialino, quartzo leitoso, sílex, quartzite (?) e xisto rijo. Cerca de metade, porém, são de cristal de rocha, muito límpido, havendo-as das mais grosseiras às mais finamente trabalhadas.

Não cabem nos limites desta resenha uma descrição mais desenvolvida do material e uma extensa nota comparativa. Limi-

---

(5) *Antas dos arredores de Évora.*



tar-nos-emos, portanto, à citação de algumas peças similares, e só de estações portuguesas, excluindo, evidentemente, as dos dólmenes dos arredores de Évora, e Pavia, às quais nos referimos já, embora genêricamente, e as pertencentes a colecções que, sendo prodigiosamente ricas, estão fora de alcance à nossa observação.

Como as nossas peças de Elvas, citamos:

— Placas de xisto, com ornato em xadrez: Anta do Cabeço (Castelo de Vide).

— Idem, com duas ou três faixas transversais, em ziguezague: Gruta da Furninha (Quinta do Anjo), Gruta da Casa da Moura (Cesareda).

— Pontas de seta, de base recta, com um ou dois bordos em bisel, e com poucos ou nenhuns retoques: Liceia.

— Idem, com base arredondada, convexa: Casa da Moura, Dólmen de Monte Abraão, Gruta de Cascais, Pedra dos Mouros, Furninha (Peniche).

— Idem, de base ligeiramente côncava: Monte Abraão, Dólmen da Estria (Belas), Furninha (Peniche), Lapa Furada (Cesareda), Liceia, Gruta da Ponte da Laje (Oeiras), Gruta da Bugalheira (Almonda).

— Contas de colar, bi-tronco-crónicas: Grutas de Cascais, Dólmen do Casal do Penedo (Verdelha dos Ruivos).

— Pendentes triangulares, de calaite: Grutas de Cascais, Palmela e Casa da Moura.

Estas peças são do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.

Entre as contas mais pequeninas de Alcarapinha, há minúsculos discos de xisto negro, como as das cistas e pequenas galerias das Caldas de Monchique <sup>(6)</sup>, as de Alcalar e as de

---

<sup>(6)</sup> Abel Viana, Octávio da Veiga Ferreira e José Formosinho — *Necropolis de las Caldas de Monchique*, in «*Archivo Español de Arqueología*», Madrid, 1950.

alguns dólmenes do Alto Alentejo, e outras um pouco mais espessas, de bordo arredondado, do tipo das de esteatite, vulgares em estações espanholas. Ambos os tipos se encontram nas Grutas de Cascais (7).

Relativamente à arquitectura destes dólmenes, o estado de ruína da maioria é tão profundo que não permite conclusões seguras. Anotaremos, todavia, as seguintes observações acerca de seus tipos arquitectónicos:

1 — Câmaras com esteios de grandes dimensões (1<sup>m</sup>,80 a 2<sup>m</sup>,40 de altura), com pequenas diferenças de altura entre si, no mesmo monumento.

2 — Câmaras com os dois esteios da entrada muito mais elevados que os restantes (0<sup>m</sup>,80 a 1<sup>m</sup>,20 de altura).

3 — Câmaras com esteios muito baixos, todos de igual altura, não excedendo esta 0<sup>m</sup>,60. É de crer que estes dólmenes tivessem cobertura diferente da «mesa», «capelo», ou «chapéu».

4 — Câmaras com os dois esteios da entrada sobressaindo do solo apenas 0<sup>m</sup>,40, achando-se os restantes completamente enterrados. Também nestes vemos probabilidades de terem sido cobertos por falsa cúpula.

Quanto ao corredor:

1 — Corredor comprido (10 a 12 metros).

2 — Corredor curto (2 a 6 metros).

3 — Pequeno corredor, formado por um único esteio de cada lado.

---

— *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique: Investigações de 1948 e 1949*, in «Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», Tomo VIII, págs. 75-89. Lisboa, 1950. — *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique* (Escavações de 1937 e de 1945 a 1947), in «Trab. de Antrop. e Etnologia», vol. XIV, Porto, 1953.

(7) Afonso do Paço — *As Grutas do Poço Velho ou de Cascais*, in «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», Tomo XXII, Lisboa, 1942.

4 — Corredor em que um dos lados fica no prolongamento de um dos lados da câmara, formando com este um todo rectilíneo.

5 — Corredor seguido de antecâmara.

6 — Corredor que se funde na câmara formando com esta um todo trapezoidal, à maneira de cista, ou pequena galeria coberta.

Nenhum dos exemplares que descrevemos conservava restos da mamoa envolvente.

Quanto ao número dos esteios componentes das câmaras, a regra geral, nos dólmenes elvenses, é a mesma verificada nas outras zonas dolmênicas portuguesas. Nos 27 casos de câmaras completas ou reconstituíveis, achamos 14 com sete esteios, um com onze e um com nove; e talvez seis com cinco, um com seis, três com oito e mais um com nove.

Quanto à cronologia, a despeito do tipo arcaico das pontas de seta, da pequenina faca de cristal de rocha, da Alcarapinha, e de mais algumas peças, julgamos nada se poder adiantar sobre o que se sabe, dos espólios de monumentos megalíticos alentejanos. Supomos, por conseguinte, que devemos situar os megálitos elvenses, assim como os dois jazigos e os restos de povoado, desde os meados do Eneolítico pleno até o final (2.300-2.000 a. C.) <sup>(8)</sup> e desde esse final até 1.900 ou 1.800 a. C., cabendo neste segundo lapso alguns dos monumentos de esteios muito baixos, o Jazigo da Alcarapinha e a estação do Atalaião.

O ciclo desenvolver-se-ia, portanto, em uma extensão de quatro ou cinco séculos.

---

(8) Segundo o *Esquema Paleontológico de la Peninsula Hispánica*, de Santa-Olalla, desde os começos do Neolítico Ibero-Saariano até os meados do Bronze Mediterrânico I (aproximadamente).

\*

\* \*

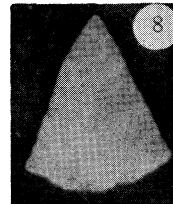
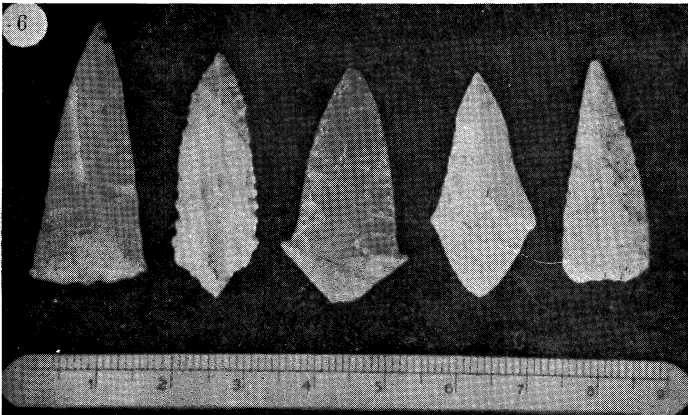
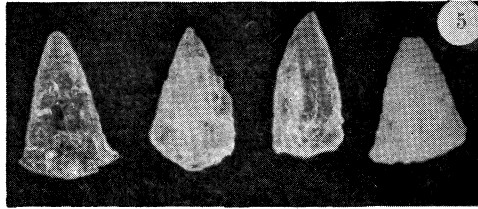
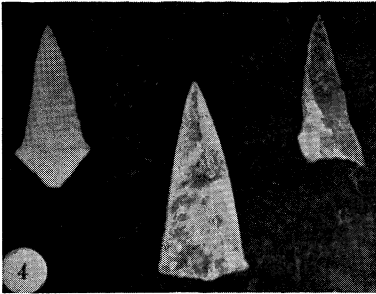
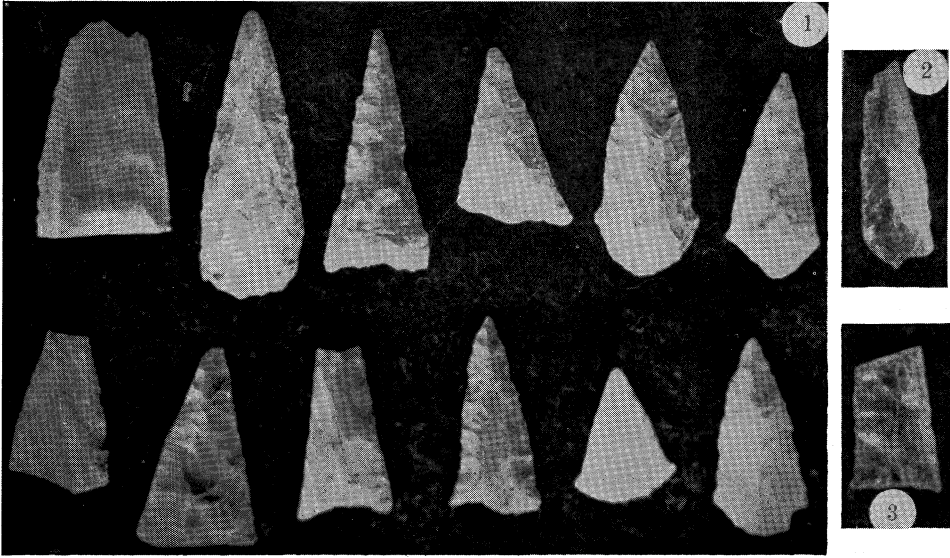
Após a data em que se redigiram estas notas (1951), outras explorações se fizeram, tendo nós publicado as observações feitas nas antas 1 e 2 de Penáclara (Barbacena) e na n.º 2 do Texugo (Vila Boim) <sup>(9)</sup> e realizamos pesquisas nas antas de Valverde (Vila Boim), do Monte dos Apóstolos (São Vicente, Elvas), 1 e 2 da Herdade da Melroeira (São Bento do Cortiço, Estremoz), de São Bento dos Matos, da n.º 3 do Peral, da de Val de Bêbadas (Assunção, Arronches), 1, 2 e 3 da Lentisca, ou Alentisca (São Vicente), 1 e 2 da Herdade de São Rafael (Ajuda, Elvas), 1, 2 e 3 da Torre de Curvo (Santo Aleixo, Monforte), da Herdade do Monte Branco (Prazeres, Monforte), tendo-se também procedido a novas escavações em Alcarapinha (Vila Fernando) e a pesquisas no castro da Vinagreira (São Vicente).

Os materiais obtidos são em quantidade apreciável, aguardando-se oportunidade para a sua publicação.

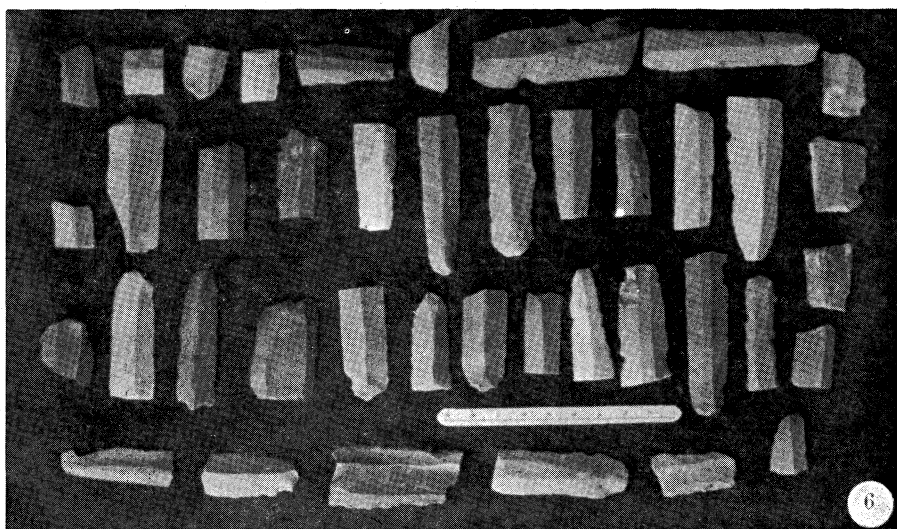
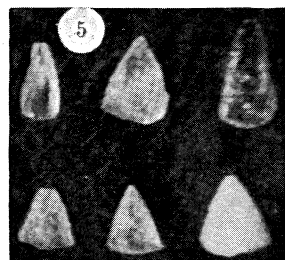
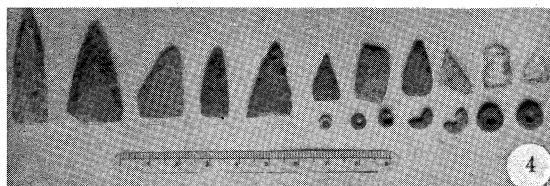
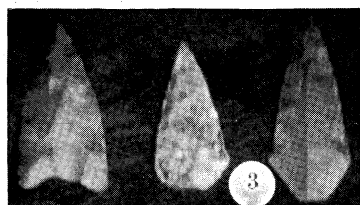
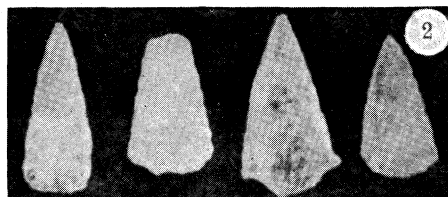
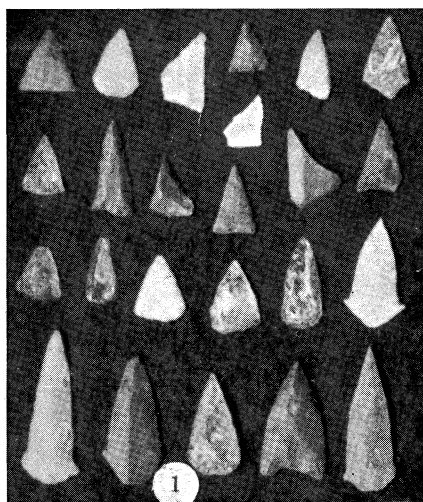
A terminar, desejamos exarar aqui os nossos agradecimentos às pessoas que de qualquer modo nos facilitaram os trabalhos, e muito especialmente às entidades que patrocinaram estas investigações: o Instituto de Alta Cultura, de que um dos signatários é bolseiro; o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, sob cuja égide vimos trabalhando; e à Fundação da Casa de Bragança, subsidiadora do outro signatário e custeadora de muitas das despesas resultantes da aturada pesquisa por tão vasta área.

---

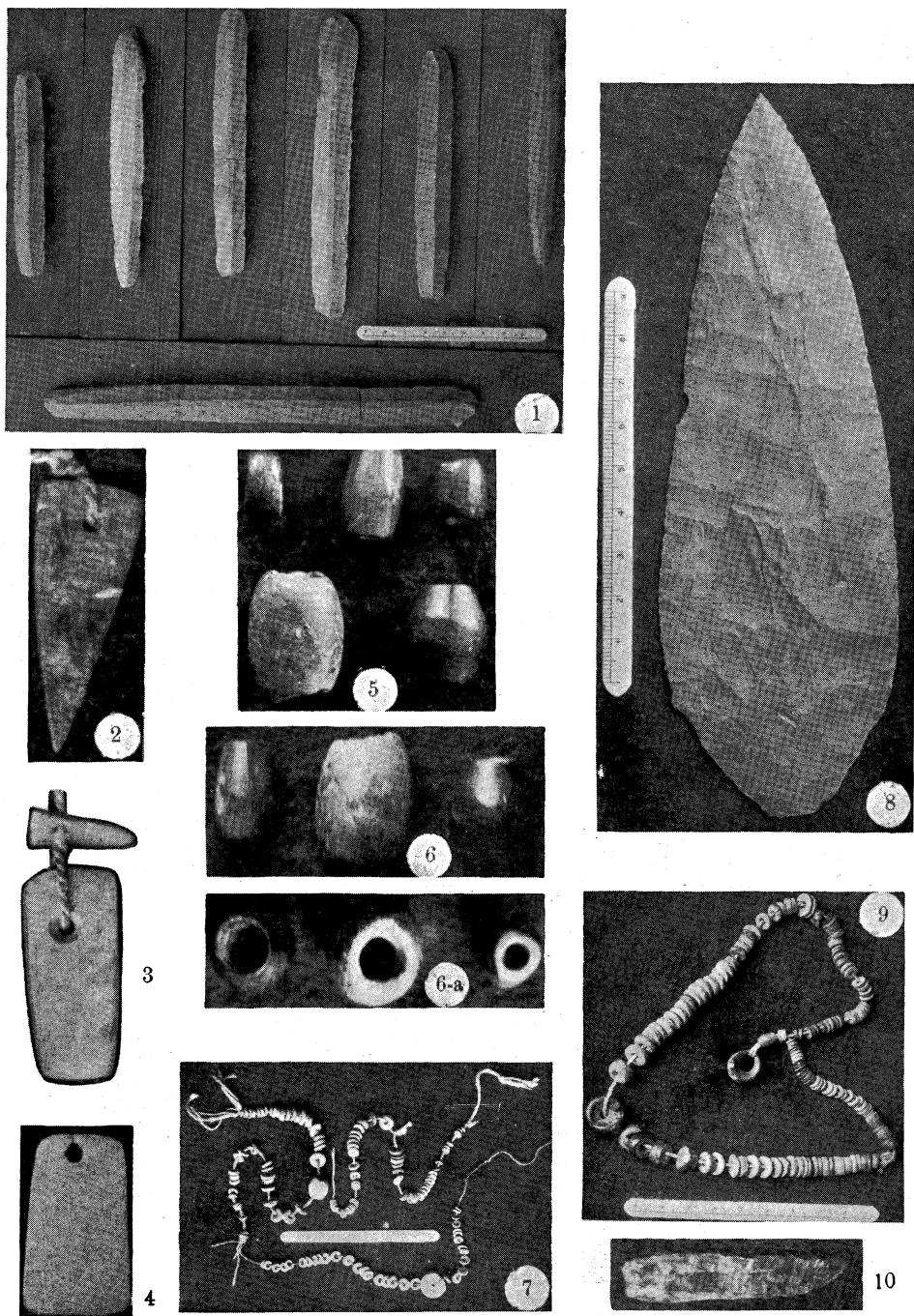
(9) *Mais três dólmens da região de Elvas (Portugal)*, in «Zephyrus», vol. IV, Salamanca, 1953.



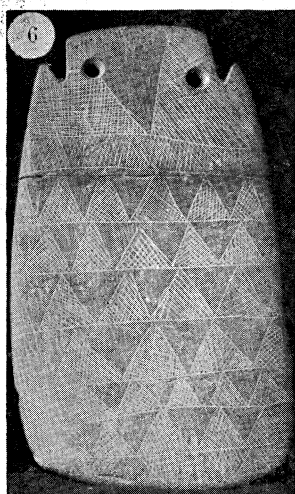
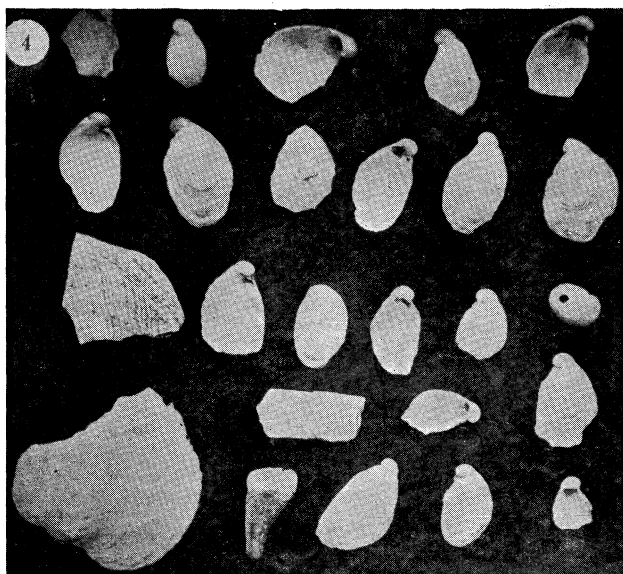
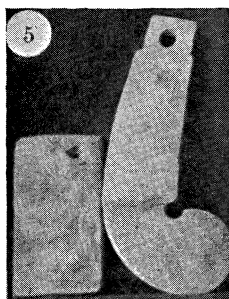
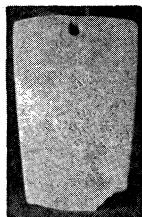
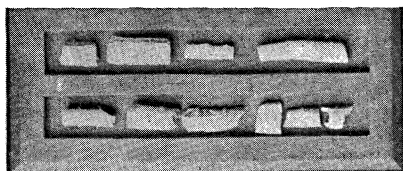
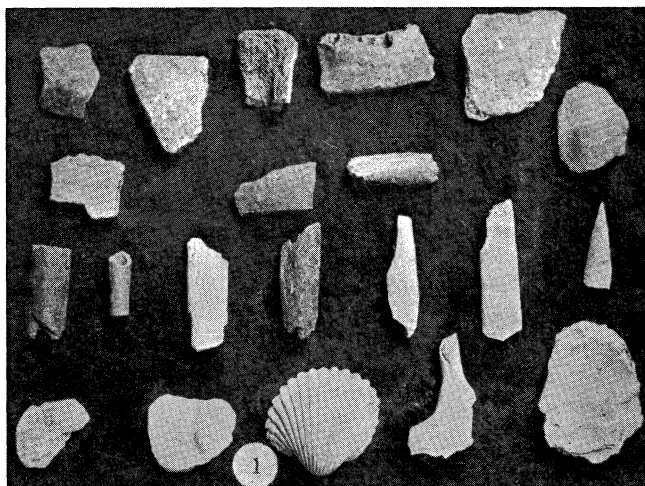
*Jazigo de Alcarapinha.* — Pontas de seta, de quartzo hialino, quartzo leitoso, xisto rijo e sílex.



*Jazigo de Alcarapinha.* — 1, 2, 3 e 5 — Pontas de setas, cerca de metade em quartzo hialino. 4 — Pontas de facas e de serras (uma parte).

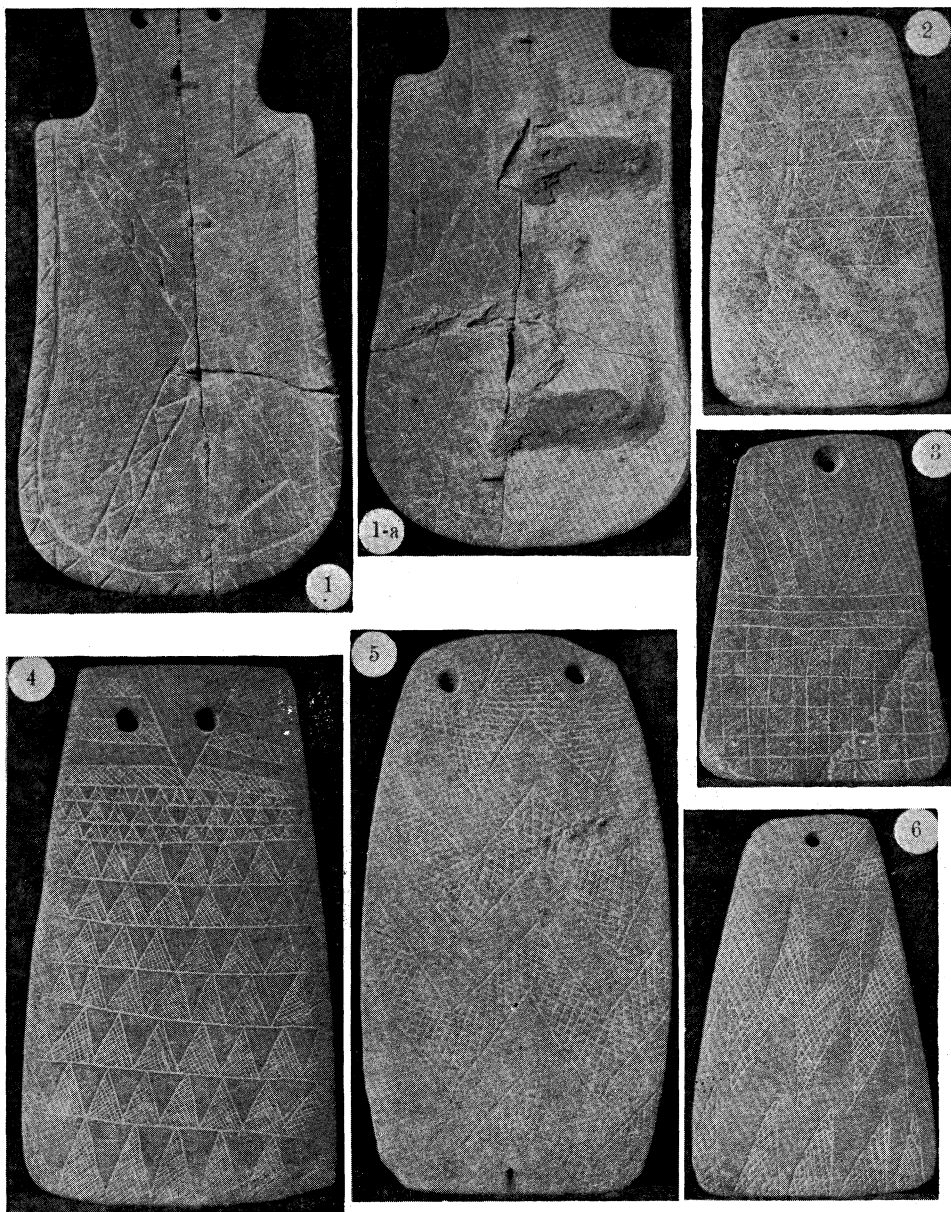


*Jazigo de Alcarapinha.* — 1 — Facas. 2 e 3 — Pendentes de colar. 4 — Pequena placa de xisto, gravada (pendente de colar). 5 a 7 — Contas de colar, de vários tipos. 8 — Alabarda de sílex. 9 — Contas de colar, de outros tipos. 10 — Faquinha de cristal de rocha.

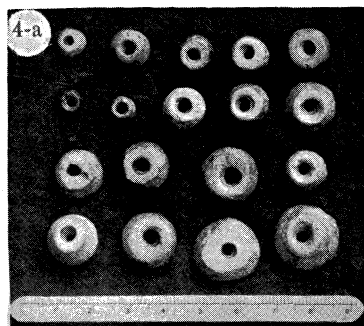
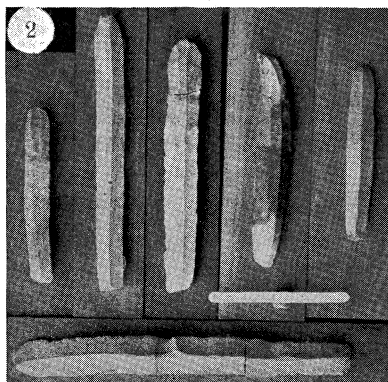
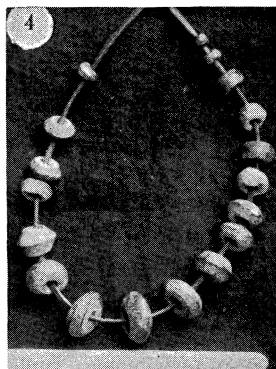
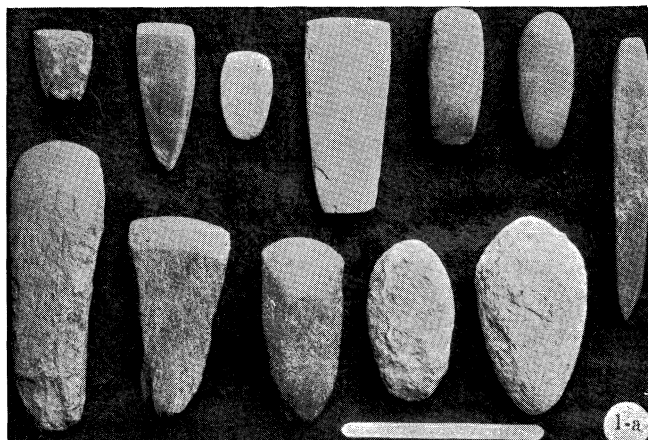
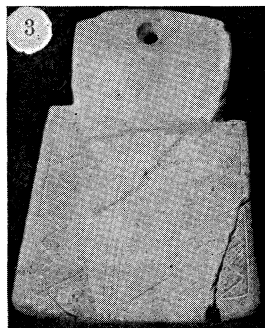
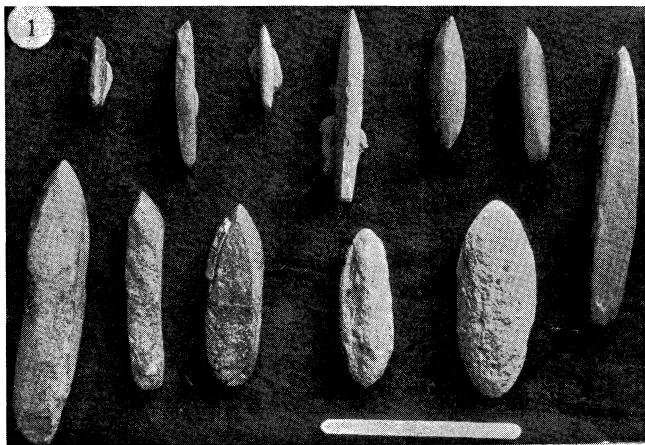


*Jazigo de Alcarapinha.* 1, 3 e 4 — Conchas; ossos e um dente, humanos, queimados. 2 — Placa de xisto, perfurada próximo do centro; placazita de xisto ardosiano, esverdeado, perfurada próximo de um dos cantos; pequenino báculo de xisto, sem ornato. 6 — Placa de xisto, ornamentada. 7 — Pequena placa de xisto, ornamentada, com a forma de pendente triangular.

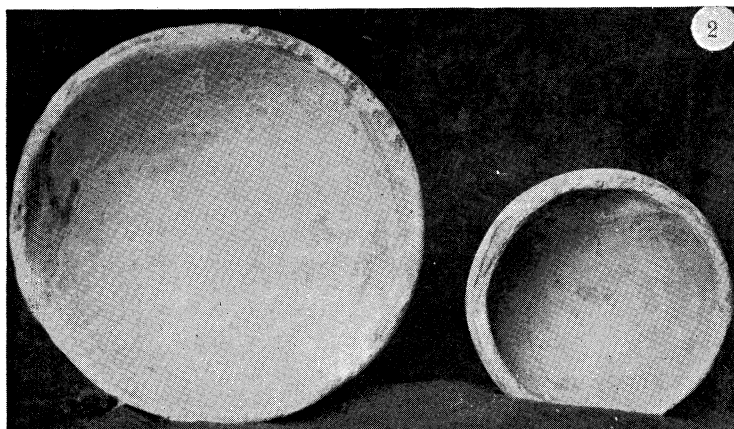
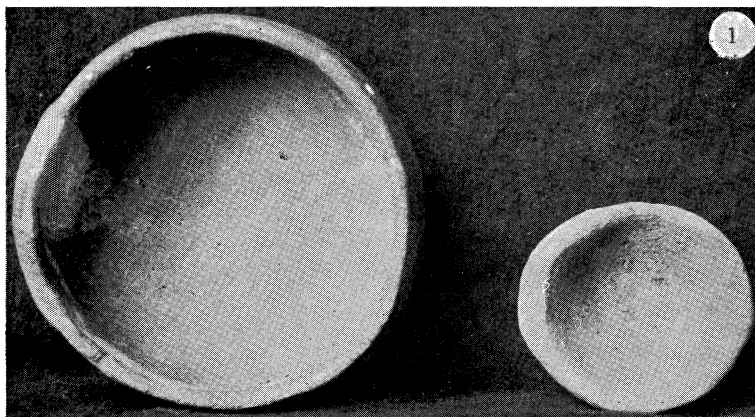




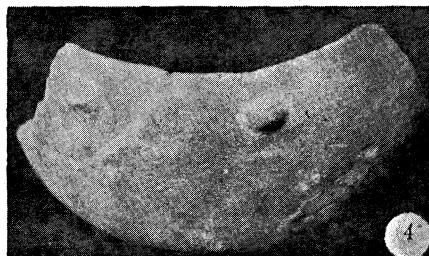
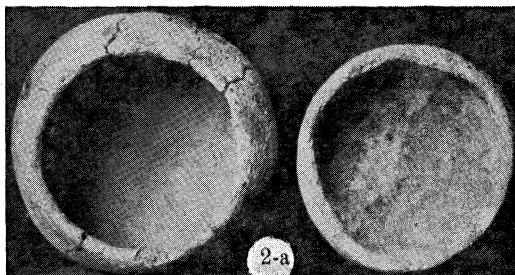
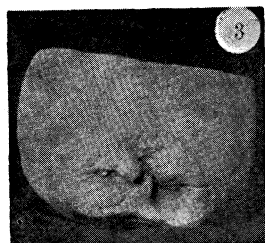
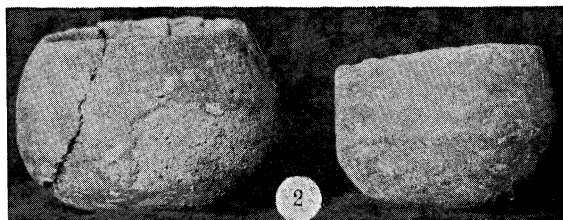
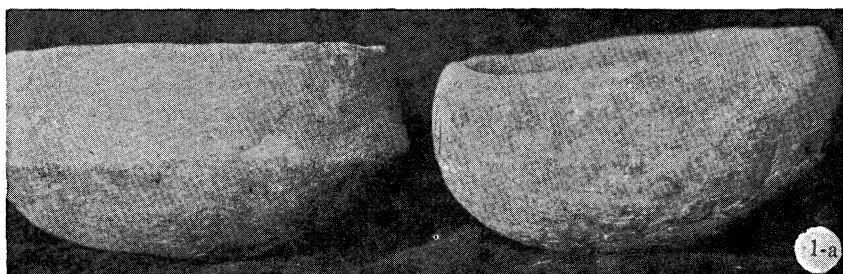
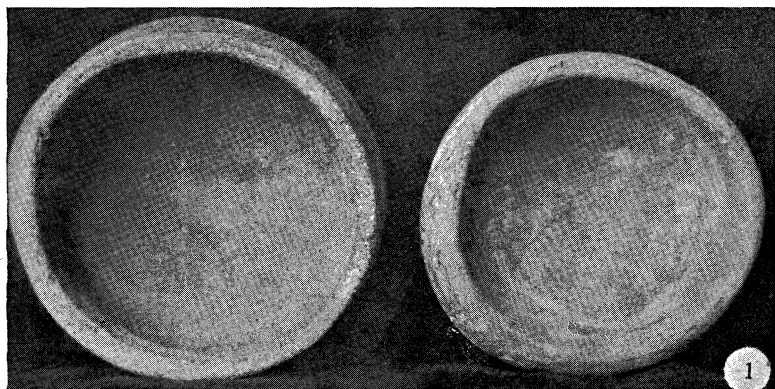
*Jazigo de Alcarapinha. 1 a 6 — Placas de xisto, ornamentadas.*



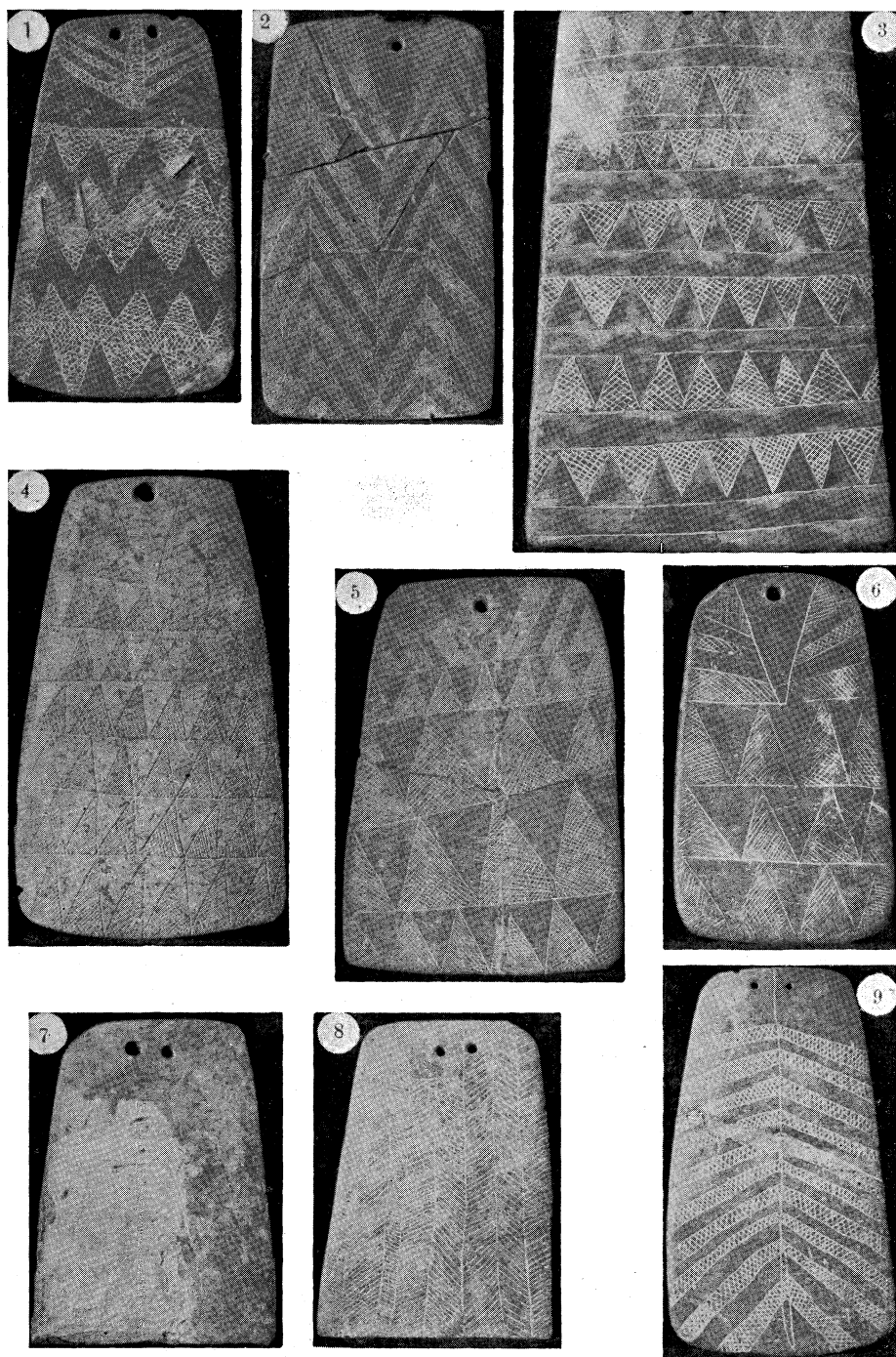
1 e 1-a — (Excepto os dois exemplares à direita, na fila inferior) machados e escopro do *Jazigo de Alcarapinha*. 2 — Pequena placa de xisto, ornamentada, do *Jazigo de Alcarapinha*. 3, 4 e 4-a — Facas e contas de colar, do *Jazigo do Genemigo*.



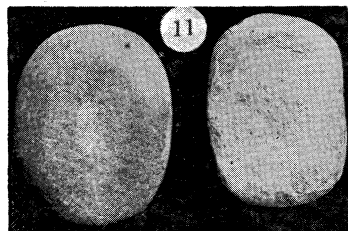
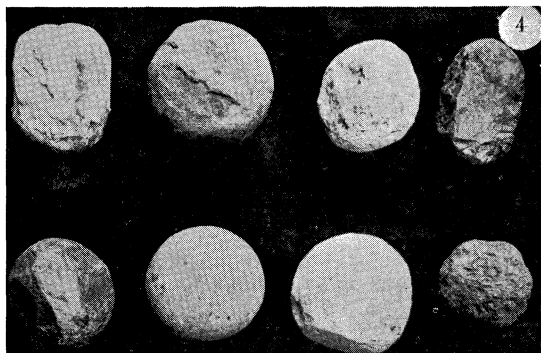
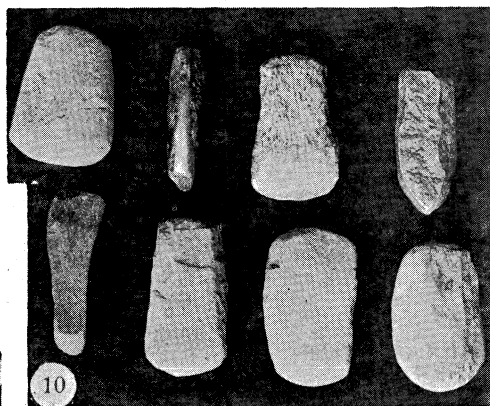
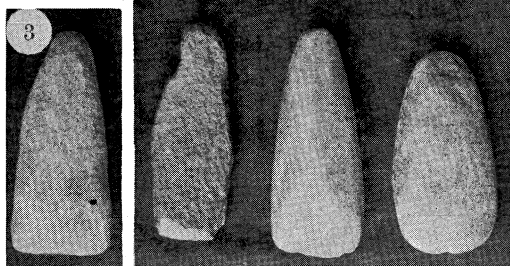
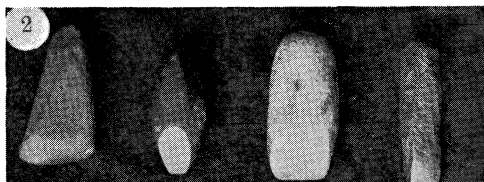
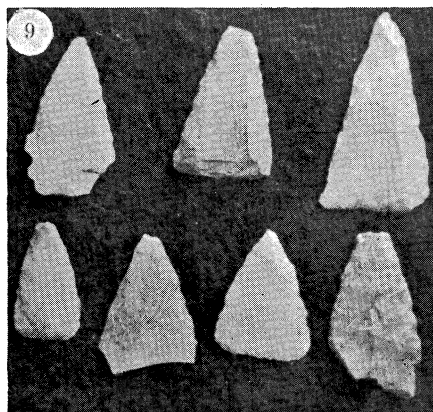
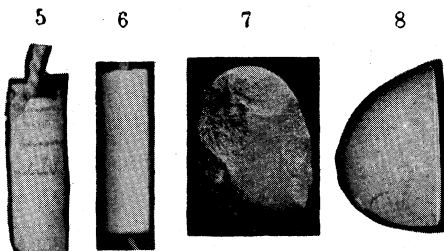
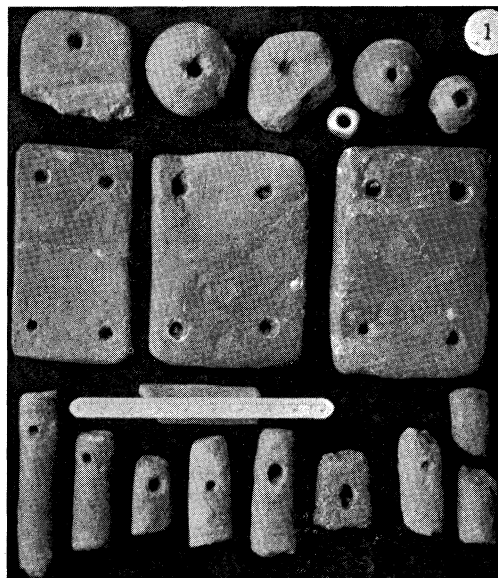
*Jazigo do Genemigo. — Cerâmica.*



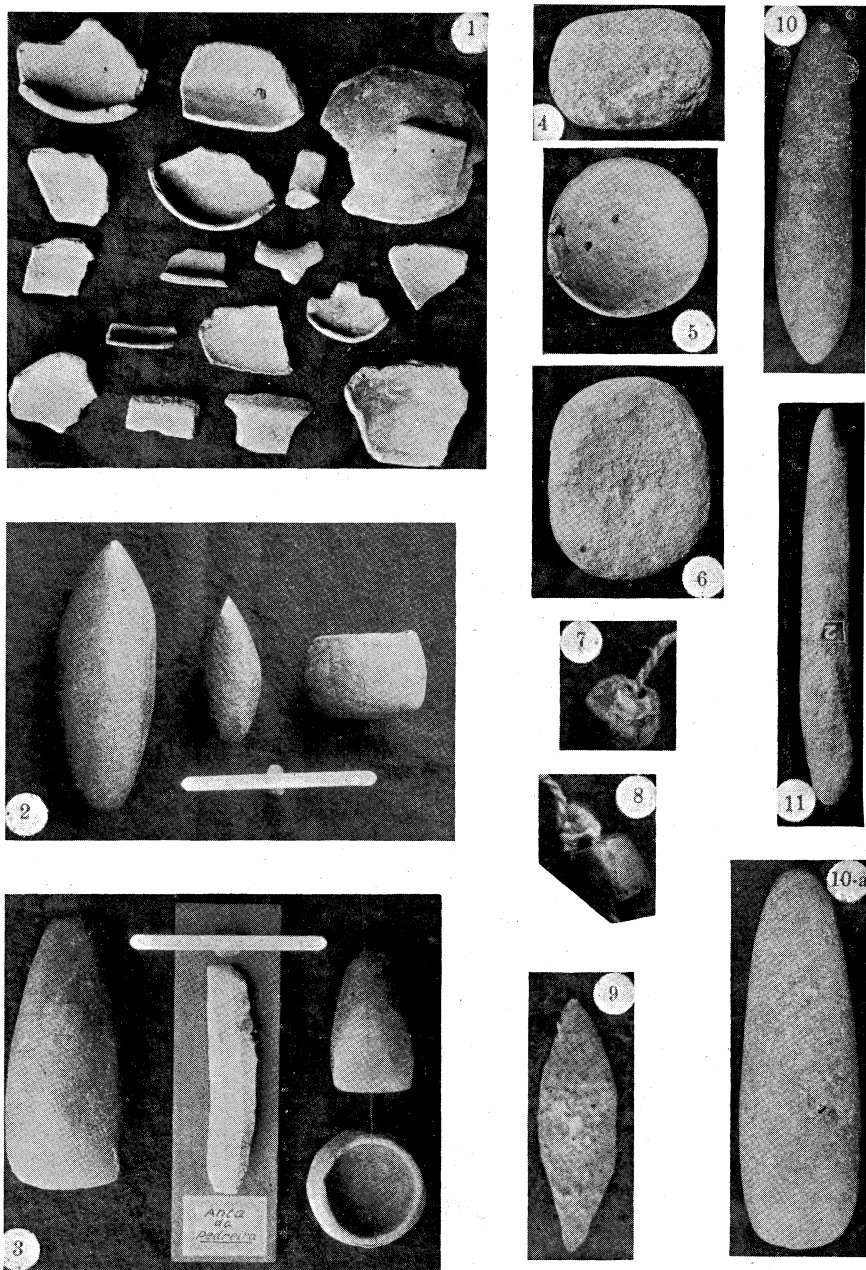
*Jazigo do Genemigo. — Cerâmica.*



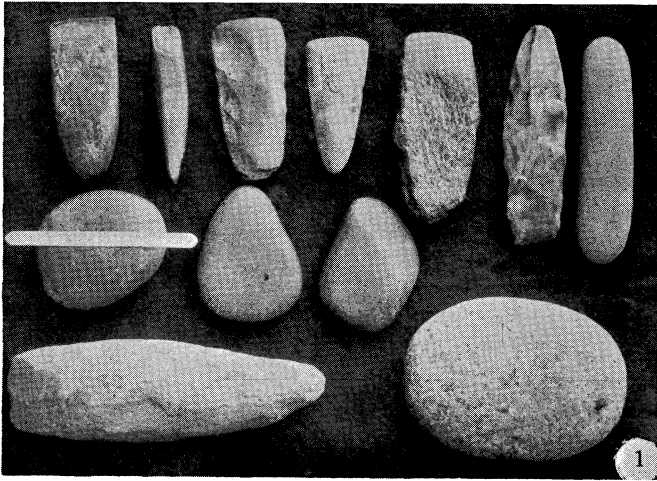
*Jazigo de Jenemigo. 1 a 8 — Placas de xisto, ornamentadas.*



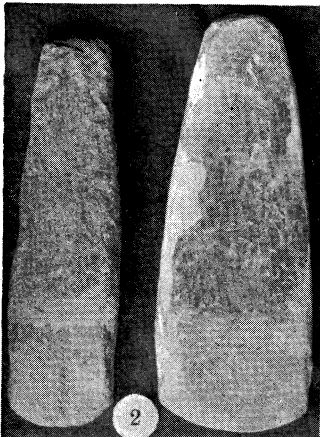
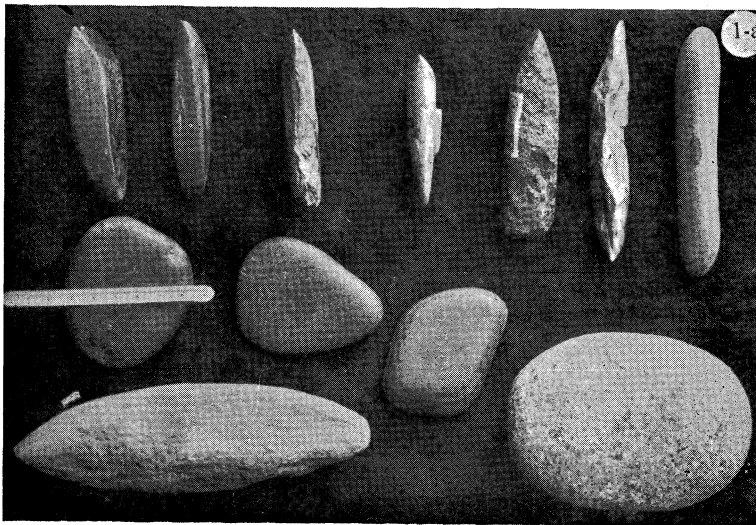
*Atalaião.* 1 — Objectos de barro cozido (cossoiros, placas perfuradas e cilindróides perfurados). 2 e 3 — Machados, goiva e escopro. 4 — Percutores. 5 e 6 — Contas tubulares. 7 — Percutor de quartzite. 8 — Brunidor de quartzite. 9 — Pontas de seta. 10 — Machados gastos, empregados como percutores ou martelos. 11 — Mós.



1 — Cerâmica do Jazigo do Genemigo. 2 — Machados e vasilha da Anta 2 de Vila Fernando. 3 — Machados, faca e vasilha da Anta 2 de Vila Fernando (vid. fot. anterior). 4 — Mó do Atalaião. 5 — Vasilha da Anta 2 do Barrocal. 6 — Mó da Anta 2 do Barrocal. 7 — Conta solta, de Vila Fernando. 8 — Conta de colar, da Anta 1 de Alcarapinha. 9 — Ponta de lança, da Anta 2 do Barrocal. 10 e 10-a — Machado de Vila Fernando. 11 — Punhal (?) de xisto, de Vila Fernando.



1 e 1-a — (Fila superior cinco machados e um escopro do Jazigo de Genemigo; calhaus rolados do Atalaião; (ao centro) três calhaus rolados, e machado da Anta 2 do Genemigo; (em baixo) mó do Atalaião.



2 e 2-a — Machados de Vila Fernand





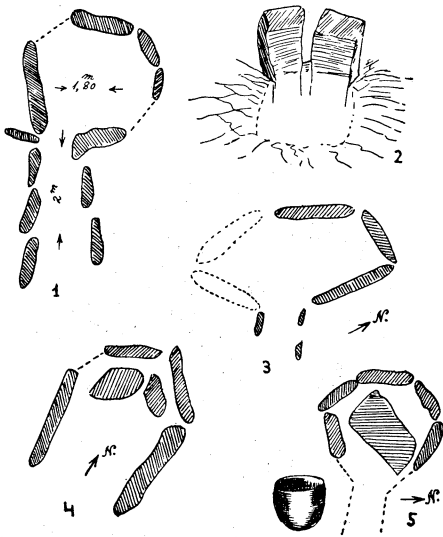


Fig. 2

1 — Anta 1 do Carrão. 2 — Anta 2 de Valverde.  
3 — Anta 2 dos Serrones. 4 — Anta 1 dos  
Serrones. 5 — Anta 1 do Peral.

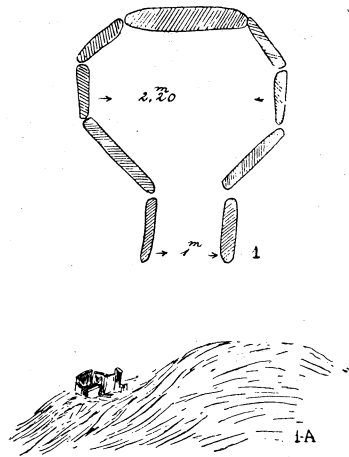


Fig. 3

Anta 5 do Pombal.

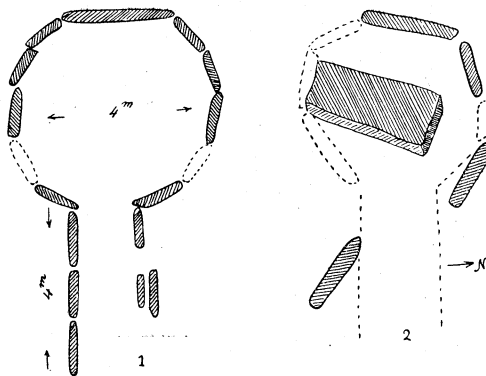


Fig. 4

1 — Anta 1 do Pombal. 2 — Anta 2 do Pombal.

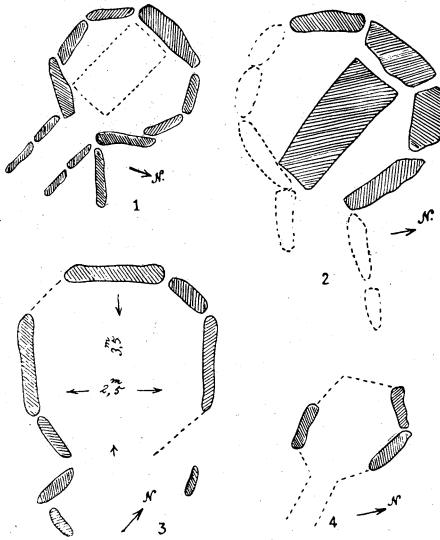


Fig. 5

1 — Anta do Carvão. 2 — Anta 2 do Peral.  
3 — Anta da Chaminé. 4 — Anta de Valbom.

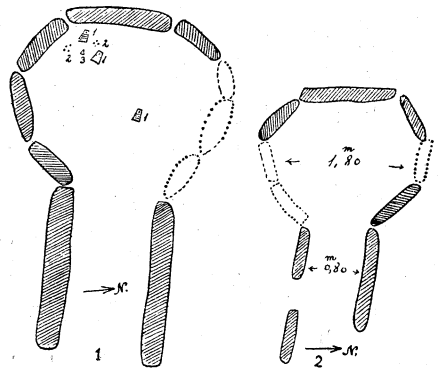


Fig. 6

1 — Anta 5 da Torre das Arcas. 2 — Anta 3 do Pombal.

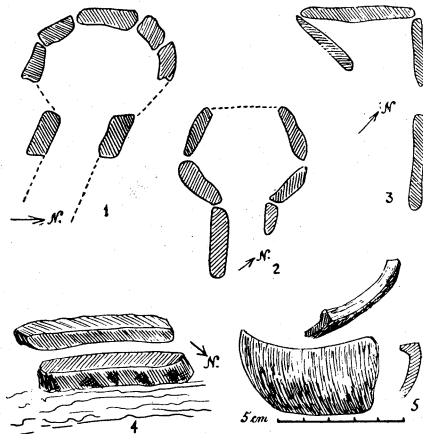


Fig. 7

1 — Anta 1 de Valverde. 2 — Anta 1 da Sobreira. 3 — Anta da Farisoa.  
4 — Anta 3 da Torre das Arcas. 5 — Cerâmica da Anta 1 do Carrão.

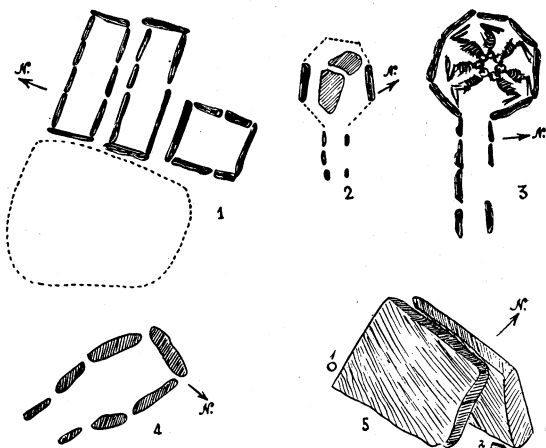


Fig. 8

1 — Jazigo de Alcarapinha. 2 — Anta 1 de Vila Fernando. 3 — Anta 1 de Alcarapinha. 4 — Anta 4 da Torre das Arcas. 5 — Anta 2 do Genemigo.

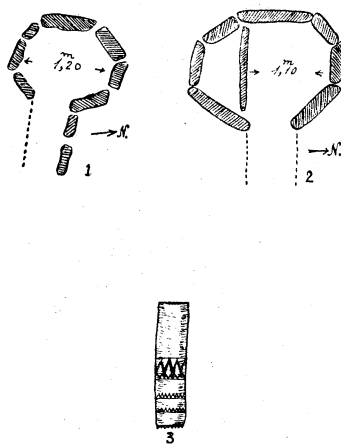


Fig. 9

1 — Anta 1 do Barrocal. 2 — Anta da Defesa. 3 — Conta tubular do Atalaião.

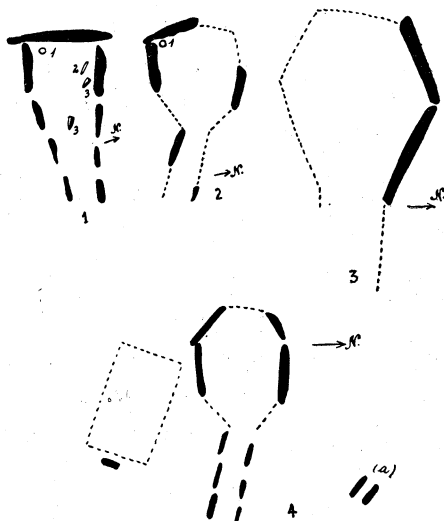


Fig. 10

1 — Anta 2 de Vila Fernando. 2 — Anta 2 do Barrocal. 3 — Anta 1 do Genemigo. 4 — Anta 3 e jazigo do Genemigo.

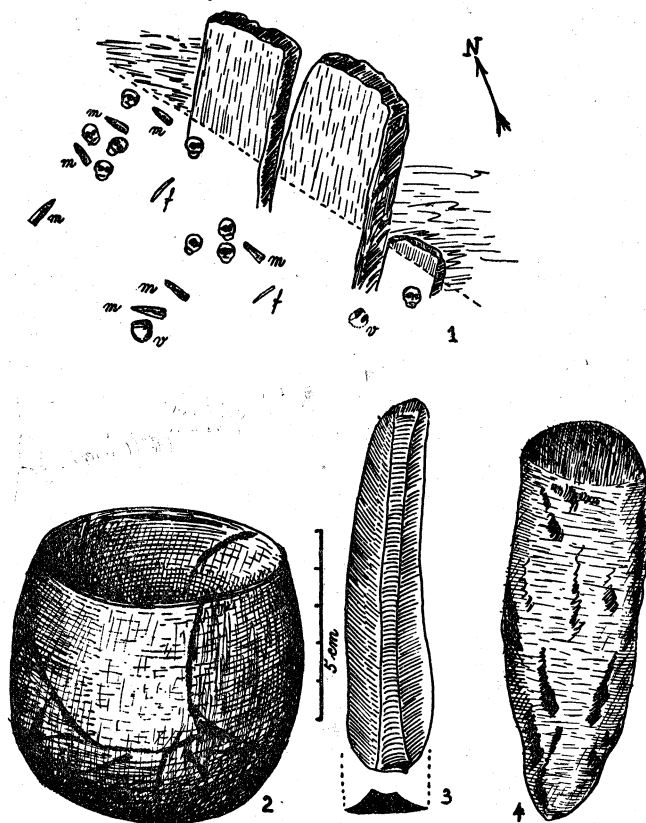


Fig. 11

1 — Anta 2 de Alcarapinha. 2, 3 e 4 — Vasilha, faca e machado da Anta de Alcarapinha.

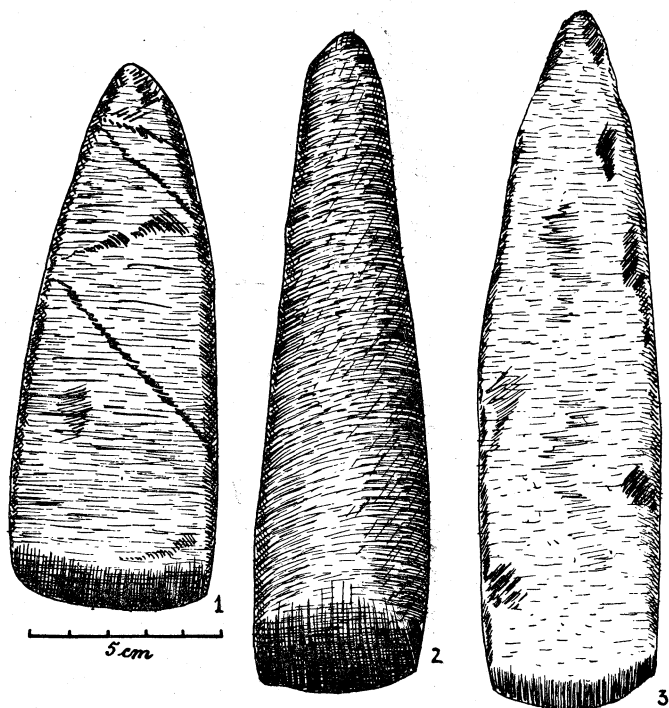


Fig. 12

1, 2 e 3 — Machados da Anta da Alcarapinha.

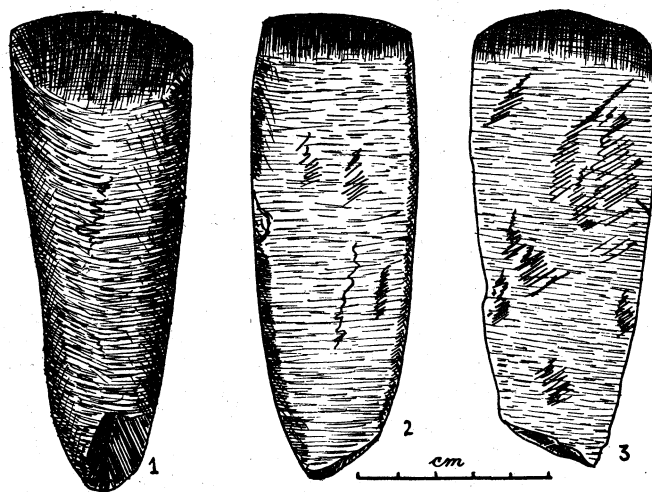


Fig. 13

1, 2 e 3 — Machados da Anta de Alcarapinha.

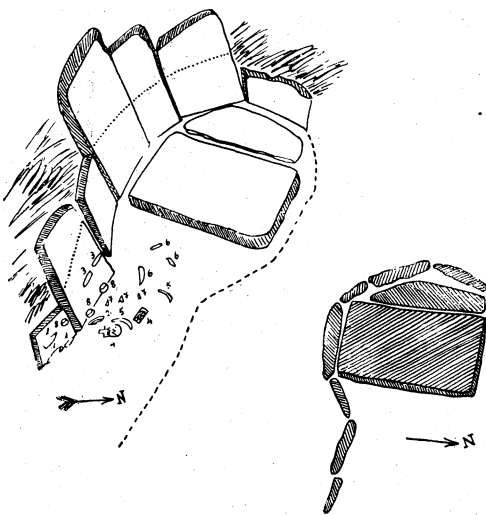


Fig. 14

Anta 2 da Sobreira.

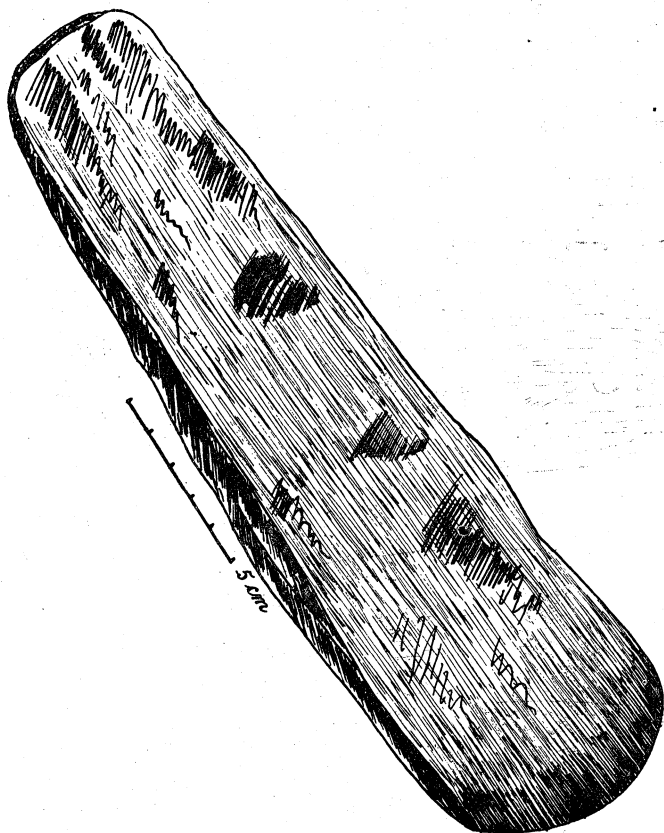


Fig. 15

Machado da Anta da Sobreira.



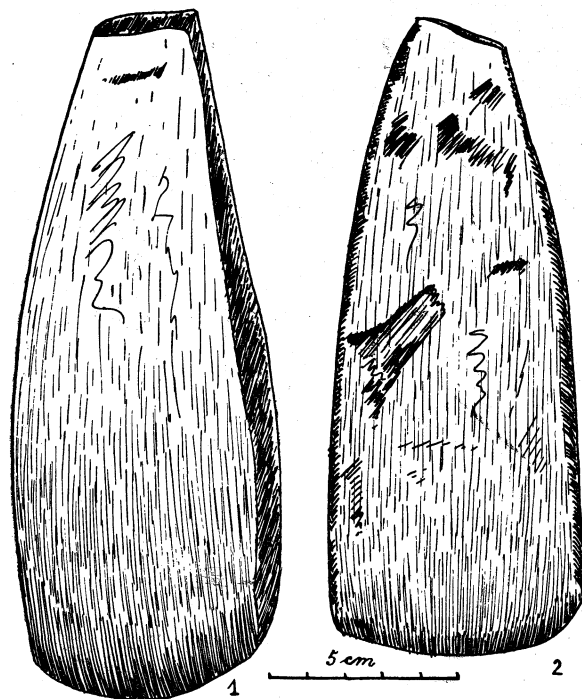


Fig. 16

1 e 2 — Machados da Anta da Sobreira.

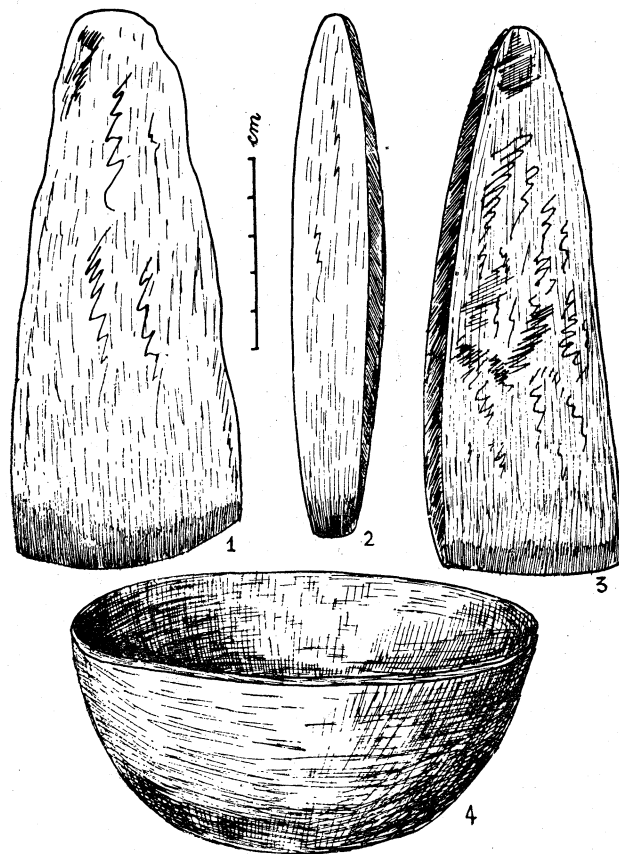


Fig. 17

1, 2, 3 e 4 — Machados, escopro e vasilha da Anta da Sobreira.

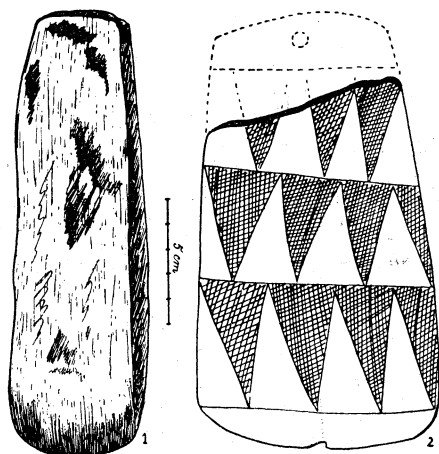


Fig. 18

1 e 2 — Machado e placa da Anta da Sobreira.

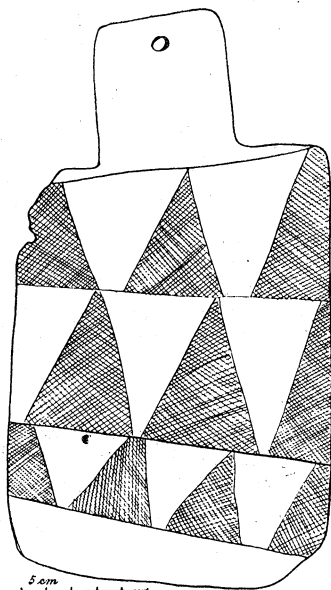


Fig. 19

Placa da Anta da Sobreira.

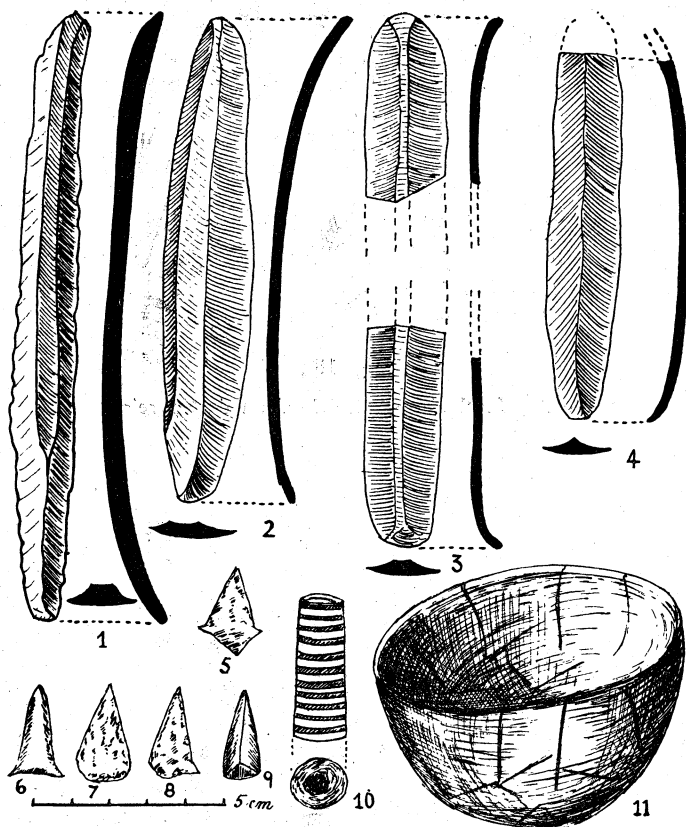


Fig. 20

Anta da Sobreira. 1 a 4 — Facas. 5 a 9 — Pontas de seta. 10 — Cilindro de osso, com estria transversal espiralada. 11 — Vasilha.

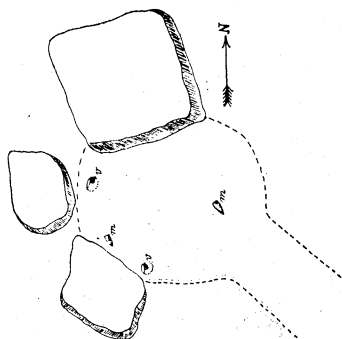


Fig. 21  
Anta do Texugo.

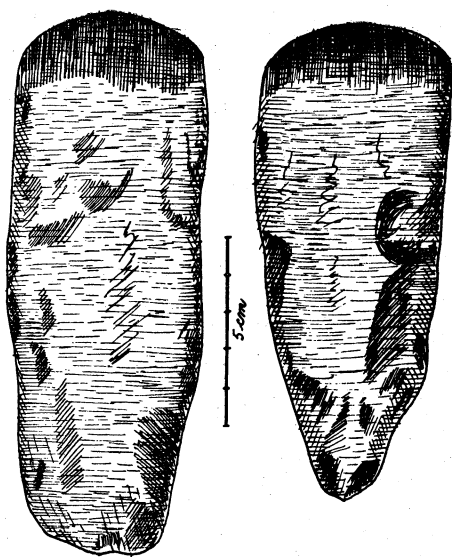


Fig. 22  
Anta do Texugo: Machados.

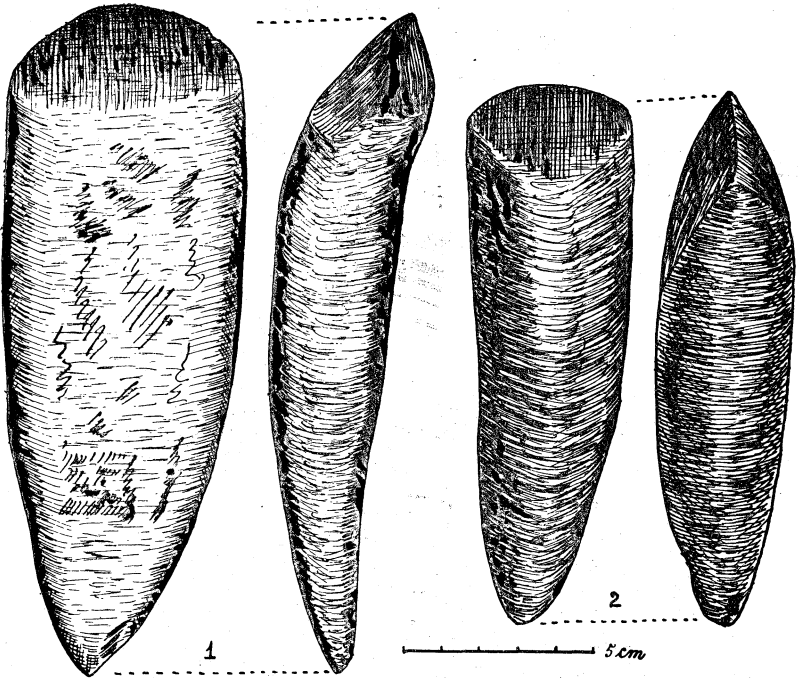


Fig. 23

Anta 2 do Carrão: Machados.

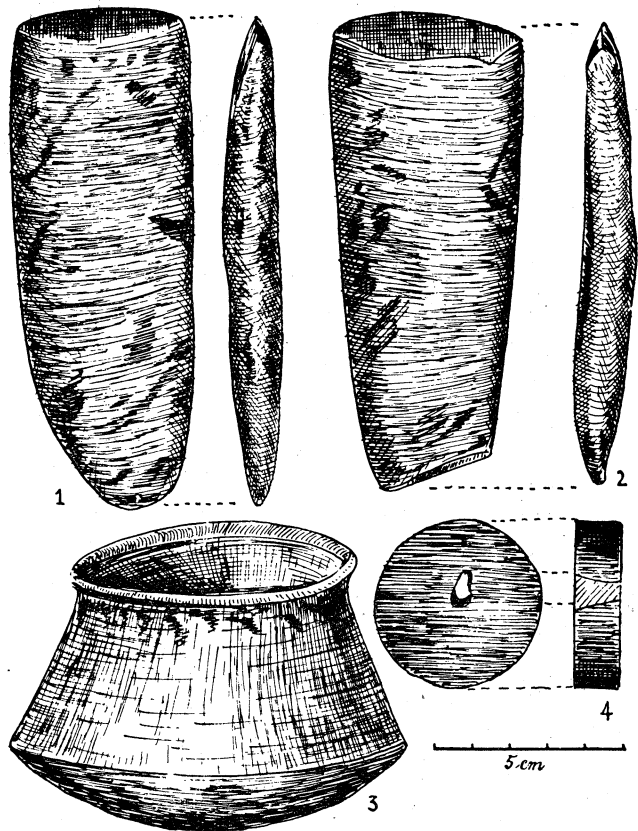


Fig. 24

Anta 2 do Carrão: 1 e 2 — Machados. 3 — Vasilha.

4 — Disco de xisto, perfurado.

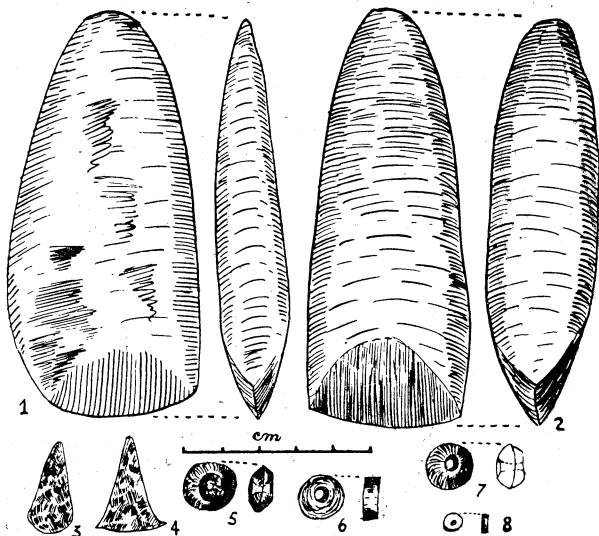


Fig. 25

1 e 2 — Machados da Anta 2 do Carrão. 3 a 8 — Pontas de seta e contas de colar da Anta 5 da Torre das Arcas.

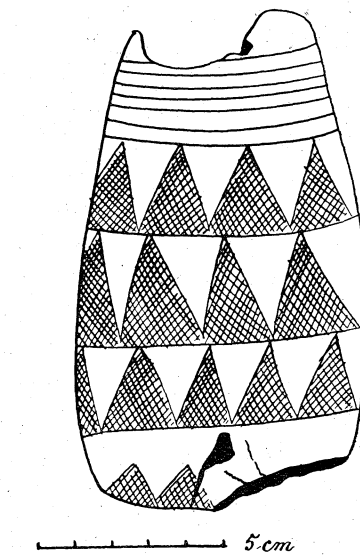
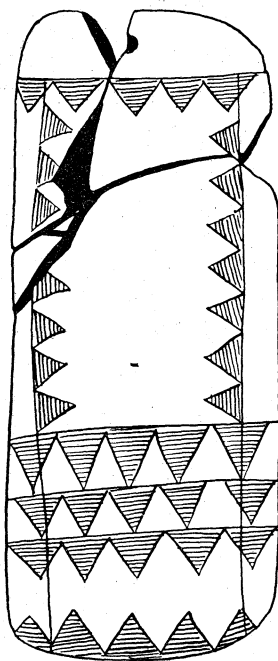


Fig. 26

1 e 2 — Placas de xisto, da Anta 5 da Torre das Arcas.

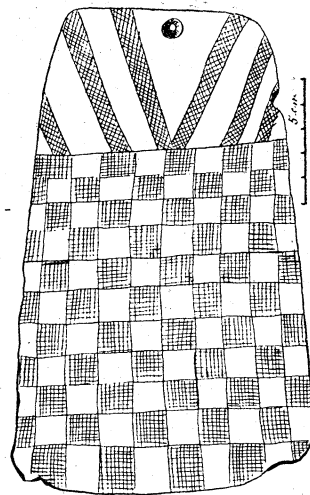


Fig. 27

Placa de xisto, da Anta 5 da  
Torre das Arcas. Red. 1/3.

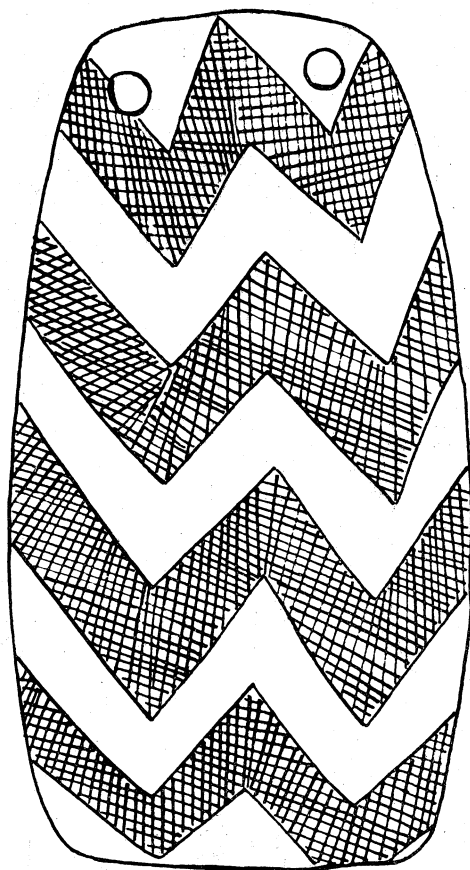


Fig. 28

Jazigo de Alcarapinha. Red. 1/3.



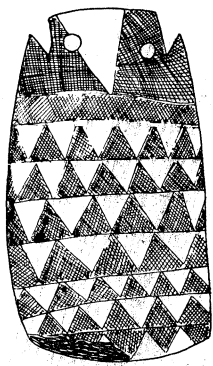


Fig. 29

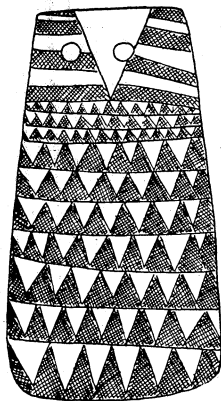


Fig. 30

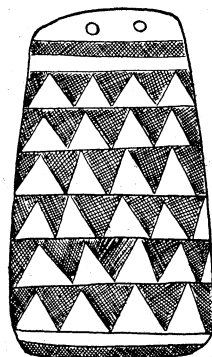


Fig. 31



Fig. 32



Fig. 33

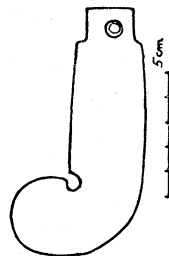


Fig. 34

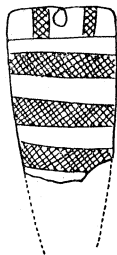


Fig. 35

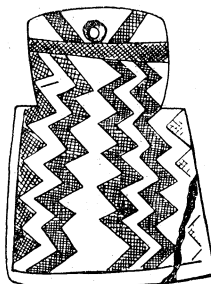


Fig. 36

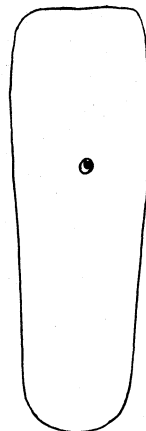


Fig. 37

Jazigo da Alcarapinha. Red. 1/3.

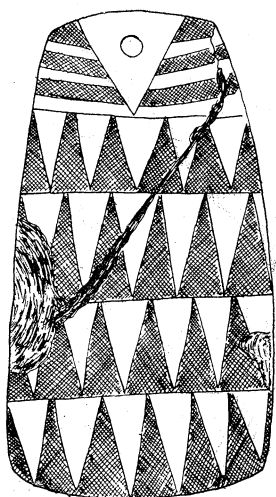


Fig. 38  
Jazigo da Alcarapinha. Red. 1/3.

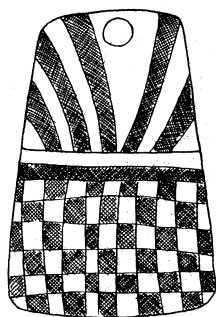


Fig. 39  
Jazigo da Alcarapinha. Red. 1/3.

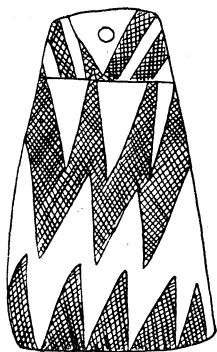


Fig. 40  
Jazigo do Genemigo. Red. 1/3.

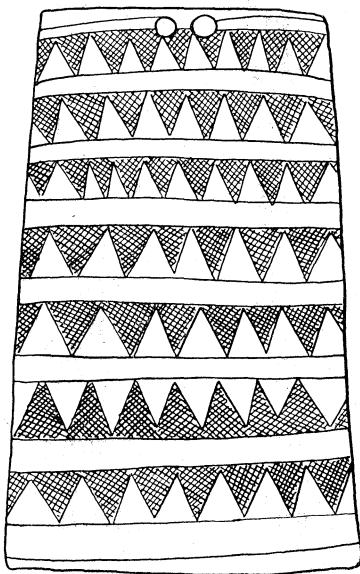


Fig. 41  
Jazigo do Genemigo. Red. 1/3.

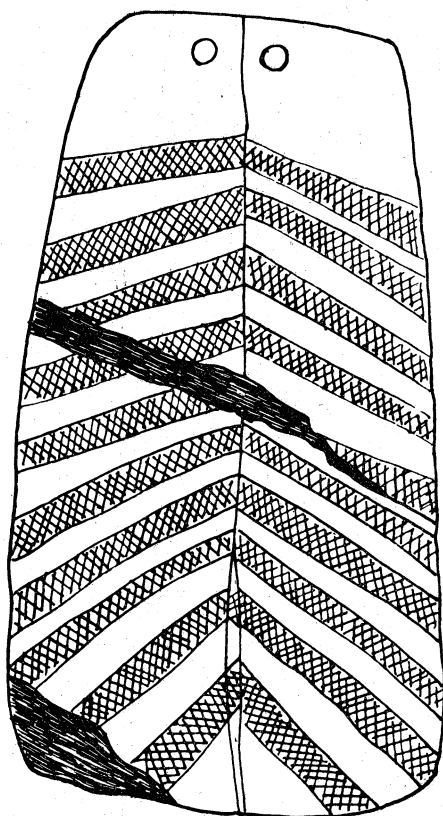


Fig. 42

Jazigo do Genemigo. Red. 2/3.

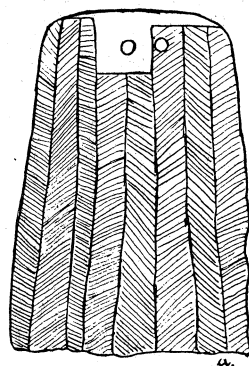


Fig. 43

Jazigo do Genemigo. Red. 1/3.

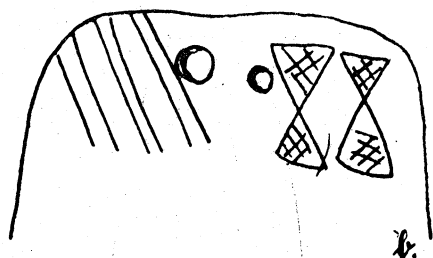


Fig. 43-a

Jazigo do Genemigo. Red. 2/3.

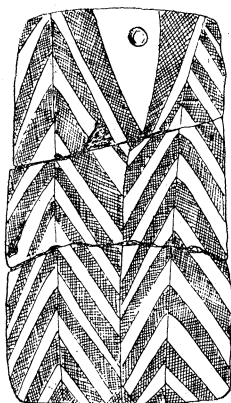


Fig. 44

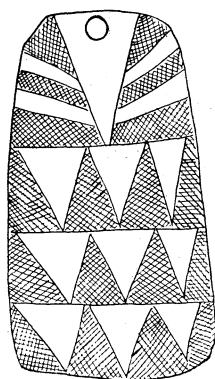


Fig. 45

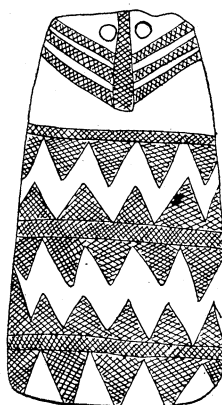


Fig. 46

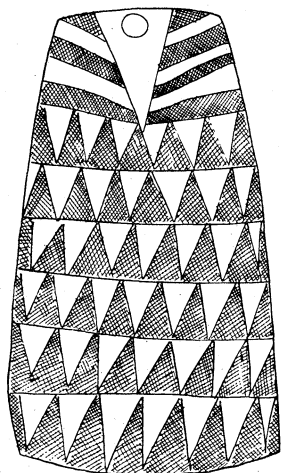


Fig. 47

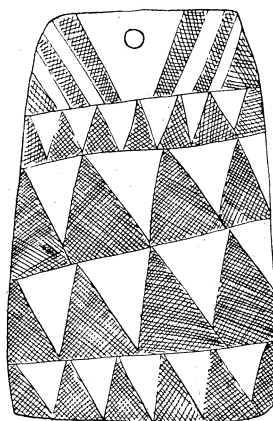


Fig. 48

Jazigo do Genemigo. Red. 1/3.